

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***"Ser mãe é ser tudo":* Significações, vivências e percepções parentais em contextos de vulnerabilidade económica.**

Mónica Ramalho Tonelo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde /Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



"Ser mãe é ser tudo": Significações, vivências e percepções parentais em contextos de vulnerabilidade económica.

Mónica Ramalho Tonelo

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel de Santa Bárbara Narciso e co-orientada pela Doutora Luana Cunha Ferreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde /Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2015

AGRADECIMENTOS

À Professora Isabel, pela motivação para fazer mais e melhor, pela disponibilidade e pela possibilidade de integrar este projecto. Obrigada por tudo o que me permitiu aprender, enquanto professora e orientadora, nestes dois anos!

À Doutora Luana, pela disponibilidade, pela empatia e pelo apoio ao longo destes meses. Obrigada pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis, foram o conforto para continuar!

A todas as mães que aceitaram colaborar e partilhar a sua experiência.

Aos meus companheiros de luta, Inês, João André, João Carlos, Pê, Sara, Sílvia e Tânia, essenciais neste último ano, foram a companhia das noites de trabalho e o consolo nos momentos de pausa. Obrigada por me motivarem e acreditarem em mim!

Aos meus amigos da faculdade, que estiveram comigo ao longo deste percurso, foi muito trabalho, muita diversão mas sobretudo muito companheirismo. Crescemos juntos e saímos daqui, com certeza, pessoas melhores. Os amigos da faculdade são para a vida, obrigada!

Aos meus amigos de sempre por terem sido o aconchego dos fins-de-semana em casa, por compreenderem as minhas ausências e por estarem ao meu lado ao longo destes cinco anos, incondicionalmente. Obrigada por tornarem a minha vida melhor há tanto tempo!

À minha família, pelo apoio e amor incondicional, assim é possível tornar os sonhos realidade.

Em especial ao meu irmão, por me levar a ver o mar e estar sempre ao meu lado para fazer de mim uma pessoa melhor. Obrigada por seres quem és!

Ao meu pai que sempre acreditou que o meu caminho seria este e cá estou eu. Obrigada por estares sempre de braços abertos (literalmente) para mim!

À minha mãe que me mostrou o outro lado da vida e, mesmo sem querer, me trouxe até aqui. Obrigada por estares sempre presente, com a tua paciência inesgotável, pronta para me ouvir e ajudar!
Amo-vos com todo o meu coração!

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o meu percurso!

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”
Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

A parentalidade é uma das tarefas mais complexas que o ser humano pode desempenhar, e depende de cada pessoa, da sua história e experiência de vida. Este estudo procura compreender de que forma a parentalidade é vivenciada e percebida por mães em contexto de vulnerabilidade económica. De acordo com uma abordagem qualitativa exploratória, foram realizadas entrevistas a mães (n=18) de famílias em contextos de vulnerabilidade económica, divididas em três grupos: famílias com vulnerabilidade económica sem história de sinalização; famílias com vulnerabilidade económica com menores sinalizados; e famílias com vulnerabilidade económica com processos de sinalização encerrados. Considerando os resultados deste estudo, as participantes apresentam significações de “parentalidade adequada” ao encontro das funções nutrie e educativa, apresentadas na literatura como tarefas básicas da parentalidade, revelam uma vivência positiva da parentalidade e fazem uma avaliação positiva do seu desempenho parental. Assim, os resultados sugerem a existência de uma relação de circularidade entre a vivência da parentalidade e auto-percepção avaliativa da mesma, assim como a influência das significações de “parentalidade adequada” nesta interação. De um modo geral, a condição económica das famílias e a história de sinalização, factores potencialmente negativos, não se revelaram uma influência negativa na forma como estas mães vivenciam e percebem a parentalidade. Foram ainda discutidas as limitações e contributos do estudo, assim como sugestões para novas investigações.

Palavras-chave: parentalidade; vulnerabilidade económica; significações parentais; expectativas parentais; satisfação parental.

ABSTRACT

"Being a mother is everything": Meanings, experiences and parental perceptions in an economically vulnerable context.

Parenthood is one of the most complex tasks the human being can perform, depending on each person, their history and life experience. This study tries to understand how parenthood is lived, experienced and perceived by mothers in an economically vulnerable context. Following a qualitative exploratory approach, interviews were conducted to mothers (n=18) of families in an economically vulnerable context, divided in 3 groups: families with economic vulnerability without previous identification within the child and youth protection system; families with economic vulnerability with current identified youngsters within the system; and families with economic vulnerability with closed processes of previous identification in the child and youth protection system.

The study suggests that, participants attribute meanings of "adequate maternity" to nutrition and educational functions, presented in literature as basic parenthood tasks, reveal a positive parenthood experience, and make a positive evaluation of their parenthood according. Thus, results suggest the existence of a circular relation between the parenthood experience and its evaluative auto-perception; as well as the influence of the "adequate motherhood" meanings in this interaction. In general, the economic condition of families and the protection system, both potentially negative factors, do not emerge as a negative influence in the way mothers live and perceive parenthood. The study's limitations and contributions are also discussed as well as suggestions for further research.

Key-words: parenthood; economic vulnerability; parental meanings; parental expectations; parental satisfaction.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	2
Parentalidade em Contextos de Vulnerabilidade Económica	3
Factores influentes no desempenho e na satisfação parental	6
II. PROCESSO METODOLÓGICO.....	13
Desenho do Estudo	13
Questão inicial, Objectivos e Mapa Conceptual	13
Estratégia Metodológica	14
Seleção e caracterização da amostra.....	14
Instrumentos	15
Questionário Sociodemográfico	15
Entrevista Semi-Estruturada	15
Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais	16
Questionário de Afecto-Hostilidade Parental	17
Procedimento.....	17
Análise de Dados.....	18
III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	20
Significações de “Boa mãe”	20
Auto-caracterização Parental	22
Caracterização da Coparentalidade.....	24
Caracterização dos Filhos	26
Gratificações da Parentalidade.....	26
Percepção de Eficácia	28
Auto-avaliação das Expectativas	28
Nível de Satisfação Parental	29

IV. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
Análise da Descrição	30
Significações de “Parentalidade Adequada”	31
Vivência da Parentalidade	32
Auto-percepção Avaliativa da Parentalidade	33
Análise articulada	34
V. REFLEXÕES FINAIS	37
Limitações do Estudo.....	37
Contributos do estudo	38
Futuras investigações	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa conceptual da investigação.

Figura 2. Sub-categorias das significação de “boa mãe”.

Figura 3. Sub-categorias da auto-caracterização positiva.

Figura 4. Sub-categorias das gratificações da parentalidade.

Figura 5. Mapa conceptual das categorias principais e categorias temáticas.

Figura 6. Esquema representativo das hipóteses propostas.

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice I. Esquema representativo da árvore de categorias de análise.

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A. Consentimento informado.

INTRODUÇÃO

Numa perspectiva ecológica, indo ao encontro da relevância do contexto no desenvolvimento humano (Bronfenbrener, 1999), este estudo centra-se no sistema familiar, e, mais particularmente, na parentalidade em contextos de vulnerabilidade económica. Pretende-se, assim, contribuir para uma maior compreensão sobre a forma como mães em contextos de vulnerabilidade económica vivenciam e percebem a parentalidade. De acordo com uma metodologia qualitativa, com base em entrevistas semi-estruturadas, este estudo procura conhecer as significações de parentalidade adequada, e compreender e analisar a vivência da parentalidade e a auto-percepção avaliativa do desempenho do papel de mãe em contextos de vulnerabilidade económica.

A presente dissertação encontra-se organizada em diferentes capítulos: primeiramente o enquadramento teórico, onde se apresenta uma revisão de literatura sobre a parentalidade em contextos de vulnerabilidade económica e factores de influência no desempenho e satisfação parental; de seguida, o processo metodológico, que pretende ilustrar detalhadamente a forma como o estudo foi desenvolvido; a apresentação dos dados, em que se expõe os dados relevantes que surgiram de acordo com os objectivos do estudo; a discussão dos dados, momento em que se procura reflectir integradamente sobre os dados observados e gerar hipóteses explicativas; e por último, as reflexões finais, onde se apresentam as principais conclusões do estudo, as limitações e contributos do mesmo, bem como propostas para futuras investigações.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Segundo o contributo da perspectiva sistémica, a família é entendida como um todo, ou seja, mais do que a soma das partes, é um conjunto de pessoas que, através das suas relações cria um sentido que lhe é único e, assim, uma identidade enquanto grupo. Cada elemento da família ocupa diferentes papéis em diversos contextos, integrando vários sistemas. Considerando diferentes papéis e estatutos, distinguem-se quatro subsistemas: individual, parental, conjugal e fraternal (Relvas, 1996; Alarcão, 2006).

Compreender o funcionamento e dinâmica familiar de sistemas familiares, e do subsistema parental em particular, também implica entender como o ambiente e a pessoa se influenciam mutuamente, uma vez que família e todos os outros contextos em que um indivíduo se insere são determinantes no seu desenvolvimento. O Modelo Bioecológico de Bronfenbrener (1999) pretende explicar os factores que influenciam o desenvolvimento do ser humano, considerando quatro componentes: processos proximais, pessoa, contexto e tempo. Assim, é possível integrar a importância do contexto para o desenvolvimento individual através da interacção de diferentes ambientes: microsistema (padrão de actividades, papéis, relações interpessoais experienciadas pelo indivíduo, por exemplo, na família), mesossistema (interacção entre dois ou mais contextos em que a pessoa participa activamente), exossistema (contextos em que a pessoa não participa activamente, por exemplo, influência do trabalho dos pais na vida familiar) e macrosistema (e.g. crenças religiosas ou ideologias políticas) (Bronfenbrenner, 1999). De acordo com este modelo, é possível compreender como a parentalidade afecta o desenvolvimento do indivíduo, não só nos participantes activos desse subsistema como no agregado familiar e, consequentemente, em cada membro.

A parentalidade pode definir-se pelo conjunto de acções desempenhadas pelas figuras parentais, quer sejam os pais ou substitutos, no sentido de promover o desenvolvimento dos seus filhos através dos recursos que a família possui, internos e externos, na comunidade (Cruz, 2005). Em consonância com o Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (1999), compreende-se, pois, que seja afectada por diversos factores, sendo considerados três eixos de influência fundamental no desenvolvimento das funções parentais: as características da criança, as características dos pais e o contexto social. Esta tríade (pais/filhos/contexto) tem sido o mote de estudo da parentalidade, uma vez que implica compreender que diferentes características individuais e, factores

culturais, ou factores socioeconómicos condicionam os padrões de comportamento dos pais. (Belsky, 1984; Coutinho, Seabra-Santos & Gaspar, 2012).

Considerando o papel relevante do subsistema parental na família, este estudo pretende focar-se na forma como a parentalidade é vivenciada e percebida nas famílias em contextos de vulnerabilidade económica.

Parentalidade em Contextos de Vulnerabilidade Económica

A utilização do termo “*famílias multiproblemáticas*” iniciou-se nos anos 50, sendo uma denominação inicialmente atribuída a famílias em contextos socioeconómicos desfavorecidos. Posteriormente, surgiu a preocupação em caracterizar as famílias multiproblemáticas em função da relação interpessoal e social entre os membros do sistema familiar e não exclusivamente em função do contexto socioeconómico (Cancrini, Gregorio, & Nocerino, 2010).

A associação das famílias multiproblemáticas a famílias pobres e de baixo nível socioeconómico nem sempre se adequa, uma vez que estas são apenas a parte mais visível do conjunto de famílias consideradas multiproblemáticas. Importa sublinhar que embora vulnerabilidade económica não signifique necessariamente disfuncionalidade, tal pode ser um factor de risco, dada a sua frequente associação a uma maior escassez de recursos individuais, familiares, sociais e materiais, os quais constituem “instrumentos de defesa” centrais para sistemas e indivíduos lidarem eficazmente com a adversidade (Sousa, 2005).

Todas as famílias estão expostas a situações de *stress*, mesmo que o que seja considerado *stressante* dependa de cada família, assim como a forma de reagir será diferente de acordo com o modo como percebem e gerem os momentos de pressão em que o funcionamento familiar fica perturbado (Boss, 2002). O *Modelo Contextual do Stress Familiar* (Boss, 2002) apresenta uma perspectiva focada na percepção de controlo relativa a dois contextos – o interno, no qual a família exerce controlo, e o externo, referente ao tempo e espaço em que a família se situa, sobre os quais não tem controlo, embora influenciem a forma como percebe as situações. Segundo Boss (2002), a adaptação familiar é condicionada pelo significado atribuído a um acontecimento, sendo, pois, a percepção da família face ao momento e a respectiva resposta, determinantes para a compreensão do *stress* familiar e da resiliência. A família enquanto unidade funcional tem a capacidade de recuperar face à adversidade, promovendo a resiliência em cada um dos seus membros, através de padrões de

organização e comunicação, processos de resolução de problemas, recursos da comunidade e sistemas de crenças, e, assim, desenvolver a resiliência familiar (Walsh, 1996). Num estudo com famílias em contexto de vulnerabilidade económica que procurava compreender as suas potencialidades, estas revelaram capacidade para identificar o seu funcionamento, objectivos de vida e estratégias para os alcançar (Sousa & Ribeiro, 2005), ou seja, com competências e capacidade para ser resilientes. Ainda neste estudo, foi possível compreender como a percepção familiar pode influenciar a compreensão do *stress*, uma vez que as famílias indicaram a união familiar e o forte vínculo filial como os factores mais positivos do seu funcionamento, enquanto a literatura refere estas características como potenciais factores de risco (Sousa & Ribeiro, 2005).

A existência de recursos nas famílias multiproblemáticas não invalida uma perspectiva negativa na sua definição (Linares, 2010). Caracterizam-se pela prevalência de problemas no desempenho de papéis (e.g. conjugais, parentais), escassa delimitação de fronteiras entre os vários subsistemas, tendência para instabilidade psicossocial nos seus membros e nos subsistemas devido a desorganização estrutural, e ainda, uma elevada taxa de comportamentos problemáticos estáveis no tempo (Linares, 2010; Cancrini et al., 2010). Tais disfuncionalidades parecem constituir uma predisposição desintegradora que dificulta o comportamento de cada membro e, conseqüentemente, do sistema familiar, como um todo (Cancrini et al, 2010; Sousa, 2005).

Assim, as famílias multiproblemáticas em contexto de vulnerabilidade económica são consideradas sistemas de elevado risco para os seus membros, podendo caracterizar-se segundo quatro parâmetros: polisintomatologia e crises recorrentes; desorganização; abandono das funções parentais; e isolamento. Encontram-se, na sua maioria, em contextos caracterizados por factores de risco psicossocial e privação sociocultural, o que pode reforçar os padrões de marginalidade, disfuncionalidade, crise e desesperança, que habitualmente caracterizam estas famílias. Muitas vezes, estes múltiplos problemas reflectem um padrão de transmissão geracional disfuncional que se espelha nas crianças, nas famílias e no meio em que são intervenientes (Gomez, Muños & Haz, 2007).

Importa agora compreender as especificidades da parentalidade nas famílias acima mencionadas. Segundo Barudy (2009), as acções desempenhadas pelas figuras parentais, podem distinguir-se em três funções parentais básicas: nutriente – relativa às necessidades básicas ao desenvolvimento da criança (e.g. emocional); socializadora –

referente ao processo de desenvolvimento do auto-conceito e identidade da criança; e educativa que compreende transmissão de modelos de conduta que permitam à criança conviver em sociedade. Linares (2010) procurou através de um programa de intervenção sistémica com famílias multiproblemáticas enriquecer os serviços sociais que as apoiam. Este programa durou cerca de três anos e permitiu um contacto privilegiado com tais famílias. Através desta experiência, Linares (2010) caracterizou a parentalidade nas famílias multiproblemáticas como deteriorada, quando as funções educativa e nutriente estão debilitadas.

O não cumprimento da função educativa compromete a capacidade de inserção e adaptação social das crianças, uma vez que não são transmitidas normas e valores culturais e, dessa forma, o desenvolvimento da noção de sociedade por parte da criança fica inibido, o que a deixa em conflito com o seu meio (Barudy, 2009; Linares, 2010). O desempenho inadequado da função nutriente afecta a vertente emocional, isto é, a criança não se sente desejada e valorizada pelos pais, podendo mesmo sentir-se rejeitada e/ou instrumentalizada (Linares, 2010). Uma quebra nas funções relativas ao afecto torna, por si só, vulneráveis as funções parentais e as dinâmicas de interacção familiar e, dessa forma, promove a emergência de múltiplos problemas que caracterizam estes agregados.

Em situações em que a parentalidade é considerada abusiva, esta pode manifestar-se de diferentes formas: mau trato (físico e psicológico), negligência (física e psicológica) e/ou abuso sexual – em que se distingue o mau trato por implicar uma acção e a negligência pela omissão (Starr, Dobowitz & Bush, 1990; cit. por Calheiros, 2006). De acordo com esta distinção, um estudo realizado com mães sinalizadas em instituições de protecção de crianças e jovens, devido a comportamentos maltratantes e negligentes, permitiu, observar uma correlação significativa entre o contexto socioeconómico e a negligência, e não significativa face ao mau trato (Calheiros & Monteiro, 2007).

A literatura também demonstra a relação existente entre o não cumprimento das funções parentais e a sua delegação, isto é, quando os progenitores deixam os filhos repetidamente, ou definitivamente, ao cuidado de terceiros, sejam vizinhos, familiares ou profissionais (Gomez et al., 2007). Já o domínio que os indivíduos experimentam sobre a parentalidade aumenta a satisfação parental que, por sua vez, assume um papel central no estilo de vida e na satisfação geral com a vida (Guidubaldi & Cleminshaw,

1985), sendo evidente a associação entre a satisfação pessoal e o desempenho do papel parental (Goetting, 1986; Cruz, 2005).

Factores influentes no desempenho e na satisfação parental

Segundo Mercer (1986), a satisfação parental pode ser definida pela percepção de prazer e gratificação face ao papel de pai/mãe, enquanto Sabatelli e Waldron (1995) se referem à satisfação parental como forma de caracterizar a atitude dos pais em relação aos filhos e às responsabilidades do papel parental. White e Rogers (1998) definem a satisfação parental como sendo a gratificação percebida pelos pais no desempenho do seu papel. O principal objectivo do estudo de White e Rogers (1998) era desenvolver um modelo de satisfação parental, identificando variáveis predictoras da satisfação parental. Os autores destacaram três factores centrais: a satisfação conjugal, a estrutura familiar, e o género dos pais. No entanto, reconhecendo a dificuldade em conceptualizar a satisfação parental, outros estudos têm procurado compreender os factores que a influenciam.

A percepção que os pais têm da eficácia do seu desempenho (positiva ou negativa), em função da interacção entre cognições, afectos e comportamentos integrados na parentalidade, poderá reflectir a satisfação (ou insatisfação) parental (Cruz, 2005). Segundo Goodnow e Collins (1990; cit. por Cruz, 2005), os sentimentos dos pais relativamente aos filhos são fruto de uma avaliação cognitiva que pode surgir em três situações (em simultâneo ou isoladamente): quando os pais sentem que estão a actuar de acordo com os seus valores e princípios; quando os pais têm a percepção de que as expectativas que tinham em relação aos filhos são concordantes com o comportamento dos mesmos; e quando os pais se sentem competentes em relação ao desempenho do seu papel.

Assim, considerando que a satisfação parental pode relacionar-se directamente com o envolvimento dos pais no seu papel, é possível compreender que influencie o desenvolvimento da criança nos diferentes níveis, incluindo o seu processo de socialização. Neste sentido, as práticas parentais parecem influenciar a satisfação parental (Guidubaldi & Cleminshaw, 1985).

De acordo com Coleman e Karraker (1997), a percepção que os pais têm das suas capacidades para interferir no comportamento e desenvolvimento dos filhos, constitui a auto-eficácia parental. Os autores concluíram, através da sua revisão de literatura sobre *“Self-Efficacy and Parenting Quality”*, que a percepção de competência no desempenho

do papel parental também influencia a satisfação parental. O sentimento de competência dos pais interfere na sua satisfação parental o que, por sua vez, promove a funcionalidade familiar, enquanto pais que se percebem como pouco competentes, sentem-se sobrecarregados com as responsabilidades parentais, o que pode resultar num desinvestimento no papel parental. O sentimento de competência pode associar-se a maior auto-confiança e, conseqüentemente, com o sentimento de ser capaz de lidar com as tarefas associadas ao desempenho do papel parental. Assim, pais com uma auto-eficácia elevada estão mais predispostos para os desafios da parentalidade, e podem retirar maior satisfação desse esforço; por outro lado, os pais que se sintam mais impotentes podem sentir-se menos satisfeitos na interação com os seus filhos (Coleman & Karraker, 1997).

Um estudo de Hudson, Elek e Flek (2001) realizado com casais heterossexuais durante os primeiros 4 meses após o nascimento do bebê, encontrou diferenças no que respeita à auto-eficácia entre homens e mulheres. As mulheres podem vivenciar um maior incentivo e oportunidades para os cuidados do bebê, e durante os primeiros meses de vida da criança revelam um aumento do seu sentimento de auto-eficácia.

Compreende-se, então, que pais que se percebem como competentes, eficazes e satisfeitos com a parentalidade, têm mais confiança nas suas capacidades. Esse sentimento de que são capazes potencia a relação com os filhos, as tarefas mais desgastantes têm um menor impacto e a parentalidade, tal como as tarefas inerentes, são vividas de forma positiva (Cruz, 2005).

No que respeita ao estudo da relação entre a conjugalidade e a parentalidade, o suporte emocional e instrumental dado pelo parceiro(a) no desempenho do papel de mãe/pai, influencia a satisfação parental. Neste sentido, pais que estão satisfeitos na sua relação conjugal, apresentam níveis mais elevados de satisfação parental (Belsky, 1984). O facto de casais satisfeitos com a sua relação e concordantes com os estilos parentais de cada um, estarem mais predispostos a dar um suporte adequado ao outro, promove uma coparentalidade positiva (Caldera & Lindsey, 2006; Feinberg, 2003) que poderá influenciar os níveis de satisfação parental. No entanto, Kurdek (1998) sugere que a satisfação parental depende essencialmente das características individuais e da história de desenvolvimento de cada um, e não das características do cônjuge ou da interação entre essas variáveis.

Para além do suporte conjugal, alguns autores também procuraram compreender o impacto do suporte social. Segundo Bonds, Gondoli, Sturge-Apple e Salem (2002),

existe uma relação positiva entre satisfação parental e suporte social, isto é, factores que possam ser facilitadores das tarefas parentais aumentam a satisfação parental. De acordo com o modelo de Belsky (1984), é possível enquadrar a importância dos factores contextuais para o desempenho da parentalidade, fazendo a distinção entre suporte social geral (e.g. percepção de ter alguém próximo com quem pode partilhar as suas frustrações) e suporte parental (e.g. percepção de que pessoas próximas estão disponíveis para aconselhar as suas práticas parentais).

No que respeita ao género dos pais e à sua influência na satisfação parental, de uma forma genérica, as mulheres apresentam níveis mais elevados de satisfação parental que os homens, o que pode ser explicado pela diferenciação de papéis no envolvimento nas tarefas parentais entre pais e mães (Canavarro & Pedrosa, 2005). Elek, Hudson e Bouffard (2003) num estudo com casais heterossexuais após o nascimento do primeiro filho, avaliaram a satisfação parental em dois momentos distintos (quando a criança completou 4 e 12 meses) e concluíram que as mulheres apresentam sempre níveis mais elevados de satisfação parental.

Segundo o estudo de White e Rogers (1998), a satisfação parental não é influenciada pelo número de filhos, a idade dos filhos ou a classe social dos pais. No entanto, diversos estudos têm procurado encontrar a influência de factores como, o nível de educação dos pais, situação laboral, idade em que têm os filhos, número de filhos, idade dos filhos, género da criança, entre outros, na satisfação parental.

No que respeita ao nível educacional dos pais, Goetting (1986) concluiu que pais com baixo nível educacional valorizam mais a experiência da parentalidade e sentem um maior preenchimento no desempenho desses papéis face a pais com níveis de educação mais elevados. No entanto, pais com níveis educacionais superiores apresentam um maior envolvimento nas tarefas relacionadas com a educação dos filhos, maior motivação para o desempenho das tarefas relacionadas com a parentalidade e maior consciência das necessidades dos filhos (Cabrera, Shannon, & Tamis-LeMonda, 2007).

A satisfação laboral pode influenciar as percepções, atitudes e comportamentos relativos às tarefas parentais. O emprego pode funcionar como potenciador do sentimento de auto-eficácia e competência face às exigências familiares (Pires, 1990). Assim, a satisfação laboral pode influenciar a satisfação parental, como observaram Gottfried e Gottfried (2006) num estudo longitudinal em que, mães com horários flexíveis e que trabalhavam menos horas, apresentavam níveis mais elevados de satisfação no desempenho das tarefas parentais.

A idade em que se tem os filhos também pode relacionar-se com a satisfação parental. Actualmente, a opção de adiar ser mãe/pai em prole de outras prioridades como a carreira profissional, proporcionou uma nova realidade da parentalidade tardia em que estes pais se sentem mais gratificados quanto ao seu desempenho parental (Shelton & Johnson, 2006).

No que se refere ao número de filhos, alguns estudos mostram que mães com um filho e com mais de quatro filhos apresentam maiores níveis de satisfação em relação a mães com dois, três e quatro filhos (Nye, Ivan, Carlson & Garret, 1970; cit. por, Goetting, 1986). Por sua vez, Marini (1980), identificou uma diminuição da satisfação parental consoante o aumento do número de filhos, uma vez que um maior número de filhos implica mais exigências (e.g. financeiras) e responsabilidade no desempenho parental.

A satisfação parental pode ainda relacionar-se com a idade dos filhos, ou seja, pode alterar-se ao longo do ciclo de vida familiar. Pode concluir-se que os pais apresentam níveis elevados de satisfação durante as primeiras etapas da parentalidade (Hudson, Elek & Flek, 2001), e identificam a adolescência como sendo a fase mais difícil da parentalidade, o que se sugere uma diminuição da satisfação parental (Pasley & Gecas, 1984).

De acordo com o modelo de Belsky (1984), as características das crianças podem influenciar o comportamento parental. Por norma, os pais procuram adaptar-se aos filhos em função das suas características, pelo que quando consideram que o bebé tem um temperamento difícil (e.g. dificuldades na alimentação e chorar muito) poderá existir uma maior tendência para uma interacção aversiva com os filhos, pelo contrário um temperamento considerado fácil poderá ser facilitador de uma maior responsividade parental (Pires, 1990). Campbell (1979; cit. por Pires, 1990), num estudo longitudinal, verificou que mães que consideravam os seus filhos como tendo um temperamento difícil aos 3 meses interagiam menos com os mesmos quer aos 3 meses quer aos 8 meses. A influência das características das crianças na satisfação parental é expectável segundo o modelo de Belsky (1983), mas as evidências empíricas são reduzidas. Num estudo realizado com mães e pais adolescentes, não foi possível observar relação entre as características das crianças e a satisfação parental (Thompson & Walker, 2004). Como refere Pires (1990), estudar a influência das características da personalidade das crianças torna-se uma limitação em si mesma, uma vez que o temperamento dos bebés é avaliado de acordo com as respostas dos pais, tratando-se da percepção dos pais.

Neste sentido, é possível concluir que a satisfação parental é influenciada por diversos factores, como o suporte conjugal, o sentimento de competência e de auto-eficácia, o suporte social, a idade dos filhos e até mesmo o género dos pais. Também a concordância entre o comportamento da criança e as expectativas dos pais em relação à mesma, pode ser um factor influente na satisfação parental (Cruz, 2005). Assim, pretende-se compreender a relação das expectativas parentais com as tarefas inerentes à parentalidade.

Importa considerar as expectativas dos pais face ao seu próprio comportamento e dos pais face aos filhos, dada a influência no desempenho e satisfação do papel parental (Goetting, 1986). As expectativas criadas pelos pais influenciam as práticas e o envolvimento parental, e, dessa forma, o comportamento parental pode definir-se pela relação que os pais estabelecem com os filhos ao longo do seu crescimento (Kobarg, Sachetti, & Vieira, 2006). Os pais podem criar expectativas acerca do desenvolvimento dos filhos, a nível comportamental, cognitivo e emocional, as quais são, em grande parte, influenciadas pelo contexto em que as famílias estão inseridas (Freire, Silva, Moura, Pontes, & Araújo, 2014).

As expectativas parentais estão fortemente relacionadas com o desempenho académico dos filhos, isto é, quando os pais têm níveis de expectativas mais elevados, os filhos têm tendência para ser estudantes mais motivados e resilientes em relação a estudantes cujos pais têm níveis de expectativas mais baixos (Pearce, 2006; cit. por Freire, et al., 2014). Pais com níveis elevados de expectativas positivas face aos filhos, tendem a promover o seu desempenho académico, assim como a proporcionar um maior envolvimento nas tarefas em casa quando os filhos são mais novos (Froiland, Peterson & Davison, 2013)

Relativamente às expectativas que os pais têm face ao seu desempenho, indivíduos com expectativas pré-natais mais complexas sobre a parentalidade, demonstram maior ajustamento ao papel parental após o nascimento do bebé, ao contrário de indivíduos com expectativas mais simplificadas. No processo de transição para a parentalidade, expectativas mais complexas têm em conta diferentes dimensões sobre a parentalidade e integram várias perspectivas (e.g. factores de impacto positivo e negativo), beneficiando a adaptação dos pais e reduzindo o efeito negativo quando as suas expectativas não se concretizam (Pancer, Pratt, Hunsberger & Gallant, 2000). A predisposição das pessoas para criarem expectativas positivas e fazerem avaliações positivas sobre si, sugere que desenvolvam expectativas positivas face à sua capacidade

de adaptação à parentalidade (Lawrence, Nyle & Cobb, 2007). Os autores supracitados verificaram essa tendência através de um estudo longitudinal com casais heterossexuais, com um primeiro filho, já que homens e mulheres, face às suas expectativas pré-natais, revelaram uma percepção mais positiva da transição para a parentalidade após o nascimento do bebé.

As expectativas pré-natais também influenciam a satisfação conjugal, de acordo com as situações em que não se confirmam, se verificam ou são superadas (Lawrence et al., 2007), verificando-se que expectativas pré-natais frustradas associam-se a baixos níveis de satisfação conjugal (Belsky, 1985). Se, por um lado, as expectativas são adaptativas, por outro, quando são fundadas com base em dados inconsistentes podem conduzir a comportamentos desadaptativos, a nível individual e interpessoal (Lawrence et al., 2007). Por exemplo, no estudo de Lawrence et al. (2007), as pessoas que apresentavam expectativas pré-natais mais elevadas nos diferentes domínios foram também as que revelaram maior diminuição na satisfação conjugal após o nascimento do bebé, o que pode sugerir que expectativas muitas elevadas não sejam consistentes. Neste sentido, pode ser necessária uma maior preparação na transição para a parentalidade, durante a gravidez – promovendo mais informação e mais diálogo entre o casal sobre as expectativas de cada um.

A experiência de criar uma criança pode diferir daquilo que os pais expectaram antes do seu nascimento. As possíveis discrepâncias que possam surgir, principalmente após o nascimento do primeiro filho, entre aquilo que eram as expectativas dos pais e aquilo que está a ser a sua experiência no desempenho desse papel, são essenciais na adaptação à parentalidade. Quando a experiência é mais negativa face às expectativas criadas, provavelmente haverá uma maior dificuldade de ajustamento à parentalidade; já se a experiência é mais positiva em relação às expectativas criadas, tal promove um melhor ajustamento ao papel parental (Kalmuss, Davidson, & Cushman, 1992). Por exemplo, antes do nascimento do primeiro filho os pais criam expectativas acerca da divisão e partilha de tarefas que, ao não se verificarem, podem conduzir a baixos níveis de satisfação na transição para a parentalidade (Belsky, 1985).

As mudanças culturais sobre o papel dos pais-homens alteraram as expectativas acerca do seu envolvimento no desenvolvimento dos filhos. Actualmente, um bom pai é entendido como o homem que partilha o papel de cuidador, protector e prestador de cuidados com a mãe, ou seja, numa óptica de coparentalidade (Pleck & Pleck, 1997; cit. por Fox, Bruce & Combs-Orme, 2000). Segundo o estudo destes últimos autores, os

pais-homens revelam elevados níveis de expectativas face à sua participação nas rotinas e apoio ao filho recém-nascido.

Os pais são, pois, agentes activos na organização dos contextos físicos e sociais em que a criança se desenvolve, seleccionam os ambientes (e.g., escola e família alargada) e atribuem uma interpretação e valorização a cada um desses contextos. As significações parentais exercem uma influência contínua e dinâmica, podem funcionar como factor de risco ou de protecção, actuando de forma a dar significado a outras variáveis. Assim, as significações podem interferir na adaptação da criança, interagindo com variáveis pessoais e de contexto. (Barros, 2006), podendo também constituir um indicador de satisfação parental.

Como referem Sabatelli e Waldron (1995), a avaliação das relações sociais e da experiência pessoal na relação (e.g. satisfação parental) é influenciada pela forma como os resultados dessa relação vão ao encontro das expectativas de cada pessoa. Nesse sentido, no contexto familiar, a forma como são vividos e representados os diferentes papéis, depende de cada elemento, ou seja, o significado atribuído corresponde à sua percepção individual (Oliveira & Costa, 2005).

Cruz (2005) procurou definir ideias parentais com base na literatura existente, concluindo que existem diversos conteúdos de ideias parentais e poucos estudos que relacionem as diferentes ideias entre si. De acordo com a autora supracitada, ideias parentais também podem ser processos atribucionais elaborados pelos pais. Uma atribuição assume o processamento de informação, dependente da avaliação continuada da pessoa, permite que os pais façam inferências sobre a causalidade de acontecimentos, as características das pessoas e sobre factores determinantes de situações sociais. Neste sentido, as ideias parentais podem ser determinadas pelas características das crianças (e.g. idade e temperamento) e pelas características dos pais (e.g. nível educacional e género), influenciando as atribuições que os pais fazem do comportamento das crianças (Cruz, 2005). A relação existente entre a satisfação parental, as expectativas parentais e o significado atribuído ao desempenho do papel parental, conduz à compreensão das respectivas significações da parentalidade.

II. PROCESSO METODOLÓGICO

Desenho do Estudo

O presente estudo tem como temática central a parentalidade vivenciada por mães em contextos de vulnerabilidade económica¹. Devido à complexidade inerente ao estudo da parentalidade, optou-se por uma análise temática da abordagem qualitativa exploratória, uma vez que possibilita uma maior compreensão das significações e processos envolvidos através do discurso dos indivíduos (Guba & Lincoln, 1994). A análise temática pode ser considerada um método para identificar, analisar e relatar temas que emergem dos dados, e assim organizá-los e descrevê-los, considerando também a literatura existente (Boyatzis, 1998, cit. por Braun & Clarke, 2006).

Segundo Guba e Lincoln (1994) a selecção do método qualitativo deve ter como base um paradigma (sistema de crenças que orienta o investigador) e, neste sentido, este estudo enquadra-se no paradigma de investigação construcionista. O paradigma construcionista assenta em três princípios (Guba & Lincoln, 1994): 1) cada indivíduo constrói a sua visão do mundo com base na sua experiência, ou seja, a realidade é construída; 2) a interacção entre o investigador e o objecto de estudo proporciona uma influência recíproca e a construção de uma realidade resultante dessa interacção, assumindo um carácter subjectivo; 3) a metodologia implica um carácter interpretativo por parte do investigador face aos dados recolhidos. Esta abordagem permite analisar as narrativas das participantes utilizando uma análise temática, de acordo com os objectivos do estudo expostos de seguida.

Questão inicial, Objectivos e Mapa Conceptual

Este estudo tem como ponto de partida a seguinte questão: “*Como é vivenciada e percebida a parentalidade por mães em contextos de vulnerabilidade económica?*”. Com base nesta questão foi possível definir objectivos específicos aos quais se pretende responder, sendo eles: 1) explorar as significações de parentalidade adequada; 2) compreender e analisar a vivência da parentalidade de mães em contexto

¹ Este estudo inclui-se numa investigação mais ampla sobre parentalidades em contextos de vulnerabilidade, presentemente a ser desenvolvida na FPUL, coordenada pela Professora Isabel Narciso. Tal investigação foi aprovação pela da Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

de vulnerabilidade económica; 3) compreender como mães em contexto de vulnerabilidade económica avaliam a sua própria parentalidade.

De acordo com os objectivos estabelecidos foi desenvolvido um mapa conceptual que pretende representar, de forma gráfica, a estrutura da investigação.

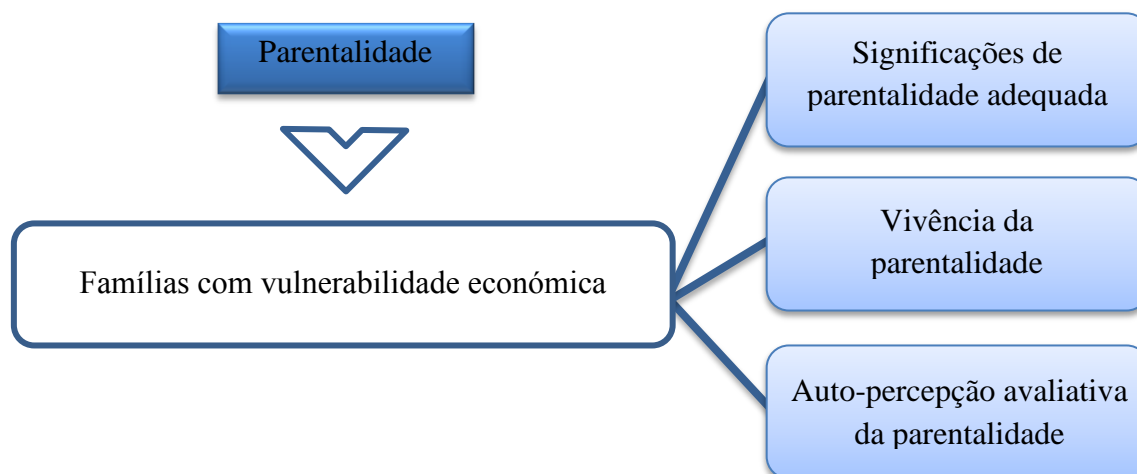


Figura 1. Mapa conceptual da investigação.

Estratégia Metodológica

Seleção e caracterização da amostra

A amostra é constituída por mães em contexto de vulnerabilidade económica com ou sem história (passada ou actual) de sinalização à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens. Os participantes foram seleccionados através da Santa Casa da Misericórdia de Almada, do CAFAP-NOS do Barreiro e do Projecto SolSal de Lisboa. A condição de vulnerabilidade económica foi definida pelas instituições que colaboraram no processo de recolha, pelo facto de beneficiarem do Rendimento Social de Inserção e/ou de as figuras parentais (ambas, no caso de se tratar de casais parentais) se encontrarem em situação de desemprego ou emprego precário. A situação de sinalização foi igualmente definida pelas instituições colaborantes, pelo facto de haver registo actual ou passado, nos processos dos seus utentes, de sinalização à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, por maus-tratos, negligência, exposição a violência conjugal ou absentismo escolar.

Participaram neste estudo, mães ($n = 18$) num contexto de vulnerabilidade económica que coabitam com pelo menos um filho menor de 18 anos. A amostra foi organizada em três grupos: famílias sem história de sinalização ($n = 6$), famílias com

menores sinalizados ($n = 7$) e famílias com processos de sinalização já encerrados ($n = 5$).

As participantes tinham idades compreendidas entre os 19 e os 46 anos, com uma média de 31,8 anos. A maioria mantinha uma relação conjugal ($n = 14$), das quais seis estavam casadas e oito numa união facto, sendo as restantes solteiras ($n = 2$) e separadas ($n = 2$). Relativamente à situação laboral, a maioria das participantes encontrava-se desempregada ($n = 13$), e no que respeita às habitações literárias, oito mães referiram ter concluído o ensino secundário, seis concluíram o 3º ciclo, duas terminaram o 2º ciclo e duas concluíram o 1º ciclo. No que respeita à etnia, distinguiram-se: caucasiana ($n = 9$), africana ($n = 6$), cigana ($n = 2$) e afro-caucasiana ($n = 1$). A maioria das participantes afirmou ser religiosa ($n = 13$). Quanto ao número de filhos, a maioria das participantes tinha entre 1 a 3 filhos ($n = 15$). Relativamente à idade dos filhos, três mães tinham filhos adolescentes (entre os 14 e os 16 anos), três tinham filhos pré-adolescentes, quatro mães tinham filhos em idade escolar, quinze mães tinham filhos em idade pré-escolar e quatro mães tinham filhos menores de 2 anos. Quatro das participantes apresentavam história de filhos retirados, das quais três pertencem ao grupo de famílias com menores sinalizados, e uma inclui-se nas famílias com processos de sinalização encerrados.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O questionário aplicado teve como objectivo recolher informação sobre os participantes, relativamente a aspectos sociodemográficos dos pais (sexo, idade, origem étnica/racial, escolaridade, profissão, zona de residência habitual, estado civil, agregado familiar, situação relacional, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e religiosidade) e dos filhos (sexo, data de nascimento, escolaridade e apoio técnico recebido). Este questionário foi respondido oralmente pelos participantes e preenchido pelo entrevistador.

Entrevista Semi-Estruturada

Neste estudo, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com dois blocos temáticos centrais², sobre os filhos e sobre os pais, na qual foi integrada o *Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais* (Narciso & Santos, 2011).

² Não se apresenta o guião da entrevista em Anexo, dado que a investigação ainda está a decorrer.

O bloco temático sobre os filhos tinha como objectivo compreender a percepção dos pais sobre as características, competências e dificuldades dos filhos nos diferentes níveis (individual, relacional-familiar e relacional-social). De forma a abordar estas temáticas foram colocadas diferentes questões, como por exemplo: “*Se tivesse uma varinha mágica o que mudaria no seu filho?*” ou “*Gostaria que me contasse uma situação neste último mês em que tenha ficado muito contente com o seu filho*”.

O bloco temático sobre os pais pretendia conhecer as significações atribuídas à parentalidade adequada e inadequada, forças e fragilidades da sua parentalidade, percepções positivas e negativas da sua parentalidade, auto-percepção da competência parental. De forma a abordar estas temáticas, foram colocadas diferentes questões, como por exemplo: “*Se pedisse a cada um dos seus filhos para escreverem um texto sobre si, o que acha que eles diriam?*” ou “*Se um pai ou uma mãe lhe pudessem pedir emprestadas algumas das suas melhores qualidade como mãe, que qualidades emprestava?*”. A satisfação parental e o confronto com a realidade da parentalidade em função das suas expectativas (face ao comportamento do(s) filho(s), da relação com o(s) filho(s) e ao desempenho do papel parental) foi abordada através das respostas quantitativas justificadas às questões do *Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais* (Narciso & Santos, 2011).

Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais (Narciso & Santos, 2011)

Consiste em seis itens relativos à satisfação e às expectativas parentais, de acordo com três aspectos: a relação com o filho, o desempenho do papel parental e o comportamento do filho. Um grupo de três itens pretende avaliar a satisfação parental, enquanto outro grupo de três itens pretende avaliar o confronto entre as expectativas e a realidade. As respostas são dadas através de duas escalas de *Likert* entre 1 e 5 (uma para cada grupo de itens: grupo de itens Satisfação – de *muito insatisfeito(a)* a *muito satisfeito(a)* – e.g. “*Relativamente à relação com o(a) meu(minha) filho(a), sinto-me...*”; grupo de itens Expectativas – de *muito pior do que esperava* a *muito melhor do que esperava* – e.g. “*O desempenho do meu papel de pai(mãe) é...*”). Devido à baixa literacia das participantes, as escalas de *Likert* foram apresentadas em formato de régua, uma para cada grupo de itens, as quais incluíam, para cada grau de *Likert*, imagens que pretendiam tornar mais explícita a valência qualitativa de cada número.

Dado que este instrumento se encontra actualmente em estudo³, com aplicações a diversas amostras, não existem ainda dados psicométricos do mesmo.

Questionário de Afecto-Hostilidade Parental (Narciso & Santos, 2011)⁴

Este instrumento, composto por 26 itens, foi respondido oralmente a seguir à aplicação do questionário sócio-demográfico e antes do início da entrevista. Pretende avaliar o comportamento parental nas dimensões de afecto e hostilidade. As respostas são dadas numa escala de *Likert* entre 1 e 4 (*nunca; raramente; às vezes; muitas vezes*). Este instrumento encontra-se igualmente em estudo, com aplicações a diversas amostras, não existindo, por isso, dados psicométricos do mesmo.

Procedimento

Após aprovação do projecto mais vasto, coordenado pela Professora Isabel Narciso, pela Comissão Deontológica do Conselho Científico da FPUL, as instituições supramencionadas foram contactadas, no sentido de se explicar a contextualização, objectivos e procedimentos inerentes à investigação, e verificar a sua disponibilidade para colaborarem na recolha de dados.

Os participantes foram previamente contactados e informados, pelas instituições que colaboraram na recolha da amostra, sobre a contextualização e objectivos da investigação. Foi solicitada a sua participação voluntária e gratuita na sessão de recolha de dados, explicado o formato de entrevista e resposta a questionários, bem como a duração aproximada da mesma (cerca de 90 minutos) e a necessidade de gravação áudio, sendo assegurada a confidencialidade dos dados. Quando os participantes aceitavam colaborar, as instituições marcavam um dia e hora de acordo com a disponibilidade daqueles.

Imediatamente antes do início da sessão de recolha de dados, os investigadores que conduziam as sessões de recolha⁵ esclareciam novamente os participantes relativamente à contextualização, objectivos, procedimentos, condição de gravação áudio e duração da sessão, assegurando o anonimato e confidencialidade na análise e divulgação dos dados. Era, também, prestada informação sobre o Serviço à Comunidade

³ Por esta razão, o instrumento não é apresentado em anexo.

⁴ No presente estudo, e em coerência com os objectivos, não são utilizados os dados deste instrumento.

⁵ As sessões de recolha foram, na sua maioria, conduzidas pela Professora Isabel Narciso, acompanhada, nalgumas sessões, pela Dra. Mariana Fernandes e pela Dra. Inês Machado, investigadoras da equipa. Algumas sessões foram unicamente conduzidas por estas investigadoras, sendo a Dra. Mariana Fernandes, nalguns casos, acompanhada pela aluna de mestrado que realiza o presente estudo.

da FPUL, e a possibilidade de a ele recorrerem, caso sentissem necessidade. Finalmente, pedia-se às participantes para assinarem o documento de consentimento informado⁶ antes do início da entrevista, e agradecia-se a sua colaboração.

Seguia-se, então, tal como acima referido, a aplicação oral do *Questionário Sócio-Demográfico*, *Questionário de Afecto-Hostilidade Parental*, e a entrevista com inclusão do *Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais*.

Análise de Dados

De acordo com Braun e Clarke (2006), a análise temática pode ser considerada em seis fases – no entanto, importa compreender que estas são apenas linhas de orientação, uma vez que este é um processo flexível, não sendo necessariamente linear onde se passa sucessivamente de uma fase para a seguinte: 1) Familiarizar-se com os próprios dados – nesta fase realizam-se as transcrições das entrevistas, primeiras leituras dos dados e anotações de ideias iniciais; 2) Gerar categorias rótulo – este é o momento da criação de códigos iniciais a partir dos dados, códigos para identificar características nos dados; 3) Procurar temas – começa quando os dados já estão codificados, aqui o objectivo é classificar os diferentes códigos em temas mais amplos, podendo diferentes códigos abranger um mesmo tema nesta análise; 4) Rever os temas – envolve dois níveis de revisão, o primeiro implica ler todos os excertos encontrados para cada tema e considerar a existência de um padrão coerente. Quando se verifica esse padrão, no segundo nível avalia-se a validade dos temas face ao conjunto de dados; 5) Definir e nomear os temas – definição e aperfeiçoamentos dos temas para identificar a “essência” de cada tema, de forma a apresentar a análise geral dos dados; 6) Elaborar o relatório – integração final da análise utilizando excertos que comprovem a existência dos temas dentro dos dados. Esta análise implica mais do que a descrição dos dados, envolve a questão de investigação e a pesquisa de literatura, de forma a produzir uma análise crítica dos dados. Importa compreender, como já mencionado, que estas são apenas linhas de orientação da análise, este processo é flexível, não tem de existir uma passagem linear para cada fase.

Tornando mais claro o processo de codificação acima referido, este foi desenvolvido de três formas: codificação aberta, codificação axial e codificação selectiva. A codificação aberta consiste essencialmente em fazer questões aos dados e comparações, de forma a gerar conceitos dos quais emergem categorias (com base na

⁶ Ver Anexo A.

similaridade entre conceitos). A codificação axial ocorre quando os dados já conceptualizados são reorganizados considerando ligações entre as categorias, o que implica a especificação das mesmas. Embora a codificação aberta e axial sejam análises distintas, ao longo do processo de análise dos dados é possível alternar entre estes dois tipos de procedimentos. A codificação selectiva pode considerar-se a fase em que é elaborada a narrativa descritiva do fenómeno central do estudo, uma vez que consiste no processo de selecção das categorias centrais que integram os restantes fenómenos (Fernandes & Maia, 2001).

III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise de dados, descrita no capítulo anterior, e em consonância com os objectivos do presente estudo – analisar e compreender, numa amostra de mães em situação de vulnerabilidade económica, significações de parentalidade adequada; vivências da parentalidade; e auto-percepção avaliativa da parentalidade –, foi possível identificar, nos dados recolhidos, oito categorias principais: significações de “boa mãe”; auto-caracterização parental; caracterização da coparentalidade; caracterização dos filhos; gratificações da parentalidade; percepção de eficácia; auto-avaliação de expectativas; e nível de satisfação.

No processo de interpretação, foram definidos critérios de relevância relativamente à frequência com que alguns temas eram referidos pelas participantes. Assim, sempre que uma categoria foi referida por um terço a dois terços das participantes (ou seja, entre 6 a 12 participantes, num total de 18), foi considerada **relevante**; sempre que uma categoria foi referida por mais de dois terços (ou seja, mais de 12 participantes), foi considerada **muito relevante**. Sempre que for considerado pertinente, serão referidos resultados específicos relativos aos três grupos em que a amostra foi organizada: famílias sem história de sinalização ($n = 6$), famílias com menores sinalizados ($n = 7$) e famílias com processos de sinalização já encerrados ($n = 5$). Em seguida, apresenta-se a descrição dos resultados relativos a cada uma das categorias temáticas com as respectivas sub-categorias⁷.

Significações de “Boa mãe”

Quando questionadas sobre o que consideram ser uma “boa mãe”, as participantes destacam a capacidade de **amar/dar afecto** (13), e ainda a **disponibilidade** (7), **cuidar** (6), **educar** (6), **disciplinar** (5) e **estar atenta** (4) – “*Para mim boa mãe boa mãe não é só para parir, é quem cria, quem cuida, é quem mostra o caminho.*” (A21;SE)⁸. As mães focam o seu discurso no carinho e no afecto – “*Principalmente afecto, eu acho que é o mais importante. [E. Porquê?] O carinho, acho que a criança cresce feliz com*

⁷ As categorias apresentadas serão seguidas de um número entre parêntesis que assinalará o número de fontes (participantes) que as referiram, determinando o seu nível de relevância.

⁸ As citações das participantes estão identificadas, entre parêntesis, pela letra correspondente ao nome da participante, seguida pela sua idade e pelo subgrupo a que pertence, ou seja CVE (famílias sem história de sinalização), S (famílias com menores sinalizados) e SE (famílias com processos de sinalização encerrados), originando, por exemplo, (T27; SE).

carinho.” (J31;CVE) –, relatando a sua importância para o desenvolvimento das crianças. Consideram relevante ter disponibilidade para os filhos – “é estar sempre presente pronto, seja no bom, seja no mau, estar sempre no dia-a-dia.” (V46;CVE) –, ou seja, participar nas suas vidas, ser próxima, acompanhá-los nos bons e maus momentos e passar tempo de qualidade com os mesmos. Relativamente ao cuidar, as mães referem sobretudo os cuidados de higiene, de alimentação e vestuário, a necessidade de dar atenção e tratar dos filhos nos bons e nos maus momentos – “ter horas para lhes dar almoço, pronto as refeições, dar-lhes banho, dar-lhes pequeno-almoço, deitá-los, essas coisas todas.” (T35;S). As participantes mencionam a assistência aos filhos no quotidiano de acordo com as necessidades básicas, não só no que respeita ao afecto, como nas rotinas de alimentação e higiene.

No que respeita à educação – “Boa educação é como eu digo ao meu filho ‘o professor está lá é para te ensinar, não é para te educar, para te educar é em casa’. Chega ao professor, diz a ele ‘obrigada’ e ‘se faz favor’.” (J31;CVE) – e à disciplina – “Temos de ter regras. [E. Impor regras?] Meter regras e limites também.” (C30;CVE) –, estas distinguem-se na medida em que educar parece assumir um significado mais próximo de ensinar a comportar-se e a respeitar os outros, enquanto disciplinar surge mais no sentido restrito de impor regras e limites. Quanto ao estar atenta – “dar atenção quando ele precisa.” (M19;CVE) – as mães pontuaram no sentido de estarem atentas no quotidiano de forma a reconhecer os sinais dos filhos, face aos seus sentimentos e necessidades.

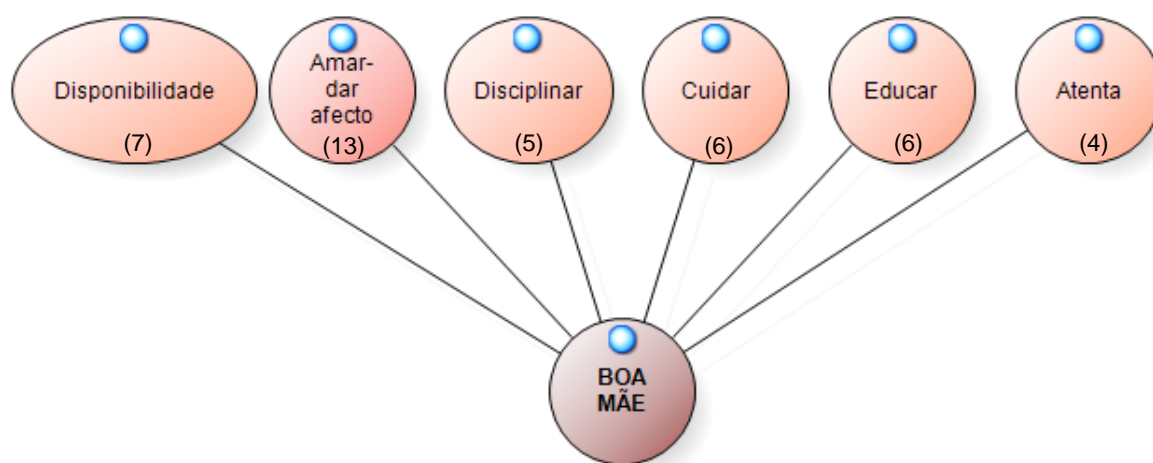


Figura 2. Sub-categorias das significações de “boa mãe”.

Auto-caracterização Parental

Quando foi perguntado às participantes que características suas colocariam, caso existisse, no bilhete de identidade de mãe, todas se auto-caracterizaram de forma positiva, indo ao encontro das características que identificaram inicialmente como pertencentes a uma “boa mãe”. Destaca-se o **amor/suporte emocional** (16), a **disciplina** (13), e as **necessidades básicas dos filhos** (10). Referente ao amor/suporte emocional, as participantes salientam as características: **afetuosa** (14) – “*sou muito carinhosa no sentido que se eu estiver sentada ao pé dele estou sempre a fazer-lhe festinhas*” (T27;SE), **disponível** (11) – “*Porque eu quero que eles saibam que eu estou sempre ali para eles... independentemente da situação*” (A38;S), **amor pelos filhos** (7) – “*dou amor e gosto muito deles.*” (F28;SE), **brincalhona** (6) – “*brincarmos em casa, a principal brincadeira que eles gostam de ter são as cócegas, estamos deitados na cama os três na brincadeira*” (C26;CVE), **atenta** (6) – “*eu estou sempre atenta a todos os sinaizinhos de qualquer coisa que se passa*” (V46;CVE), **preocupada com o bem-estar** (4) e **compreensiva** (4). Em suma, as participantes destacam as demonstrações de afecto, o estarem disponíveis na medida em que procuram apoiar os filhos nos diferentes momentos e passar tempo de qualidade com os mesmos, a importância de demonstrar o amor que mencionam sentir pelos filhos, o estarem atentas às necessidades dos filhos bem como aos seus sentimentos, como formas de amor/suporte emocional. Relativamente à disciplina – “*Eu tenho de saber ralhar e dizer que não*” (L40;CVE) –, esta é essencialmente considerada, pelas mães, como **ter controlo** (5), **orientar** (4) e **estabelecer regras** (4). A preocupação com as necessidades básicas revelada pelas participantes – “*sou eu quem preocupa, sou eu quem faz tudo, quem dá medicamento, quem vê se está doente, quem se preocupa se ele está a comer, se ele está a vestir.*” (F28;SE) – incidiu na **alimentação** (5), nas **doenças** (5), no **vestuário** (4), e na **higiene** (4).

Na sua auto-caracterização positiva, as mães referem também a **importância do diálogo** (6) – “*Consigo explicar ao meu filho o que é certo e o que é errado e quando ele faz algo de mal, falar com ele e demonstrar que não é certo e porquê*” (T27;SE) – indicando o diálogo essencialmente como relevante na educação e na disciplina a transmitir aos filhos, num sentido unidireccional; no entanto, mães que têm filhos com mais de 12 anos também mencionam a importância do diálogo para promover a sua relação através da partilha diária. Outro factor apresentado como positivo na sua auto-caracterização é a **relação com os filhos** (6) – “*Sempre os deixei à vontade porque nós*

para além de sermos mães ou pais, somos amigos e eu quero ser sempre a primeira pessoa a quem eles pedem ajuda” (F33;S) – no sentido de manter uma boa relação, baseada na premissa de que a mãe também é uma amiga, em que existe proximidade e abertura para o diálogo.

Mencionam, ainda, as suas **características pessoais** (16), considerando positivas o **esforço** (4), **protecção** (4), **ser paciente** (5), **preocupação com os filhos** (6) – *“me preocupo com os meus filhos, preocupo com o bem-estar dos meus filhos, procuro dar a melhor educação possível porque ninguém é perfeito, a melhor educação possível para os meus filhos, procuro não ter tristeza dentro de casa, trazer mais alegria para dentro de casa” (J31;CVE)* e ser **mãe galinha** (6). A expressão “mãe galinha” foi utilizada com diferentes significados mas sobretudo no sentido de preocupação excessiva – *“Ando sempre preocupada com eles, até com o mais velho, estou-lhe sempre a telefonar. O outro está sempre comigo mas se ele sai, ligo.” (A43;S) –, sendo que quatro das mães que a referiram pertencem ao grupo de famílias com menores sinalizados. Os dados parecem indiciar que, na perspectiva das mães, ser “mãe galinha” passa por uma preocupação constante com os filhos.*

Quando questionadas sobre que característica sua considerariam positiva para emprestar a outras mães, as participantes mencionam sobretudo o **amor parental** (6) – *“Eu podia dar muita coisa mas eu acho que eu só consigo dar isso aos meus. Podia-lhes dar um bocadinho do meu amor por eles, podia dar um bocadinho de afecto” (F43;S)* e **paciência** (5) – *“Isso depende muito dos pais que precisassem, não sei. Alguns pais precisam de muita paciência. [E. E a C tem?] Tenho. Acho que é com calma é que agente consegue alguma coisa deles.” (C26;CVE)*. Consideram uma qualidade ser paciente, na medida em que procuram calmamente ouvir e ser ouvidas pelos filhos, sem recorrer a punições físicas. É relevante referir que, quatro das participantes que indicaram a paciência como algo que poderiam emprestar a outros pais pertencem ao grupo de famílias sem história de sinalização. As participantes valorizam essencialmente o amor que sentem pelos filhos e ser pacientes, na medida em que essas seriam características que poderiam enriquecer outras mulheres no desempenho do papel parental.

As características apresentadas como sendo negativas ou ambivalentes ao desempenho do seu papel de mães não foram relevantes. Quando perguntado que características poderiam pedir emprestadas a outras mães, 8 das participantes não

identificaram necessidade de adquirir qualquer característica que pudesse melhorar o seu desempenho.

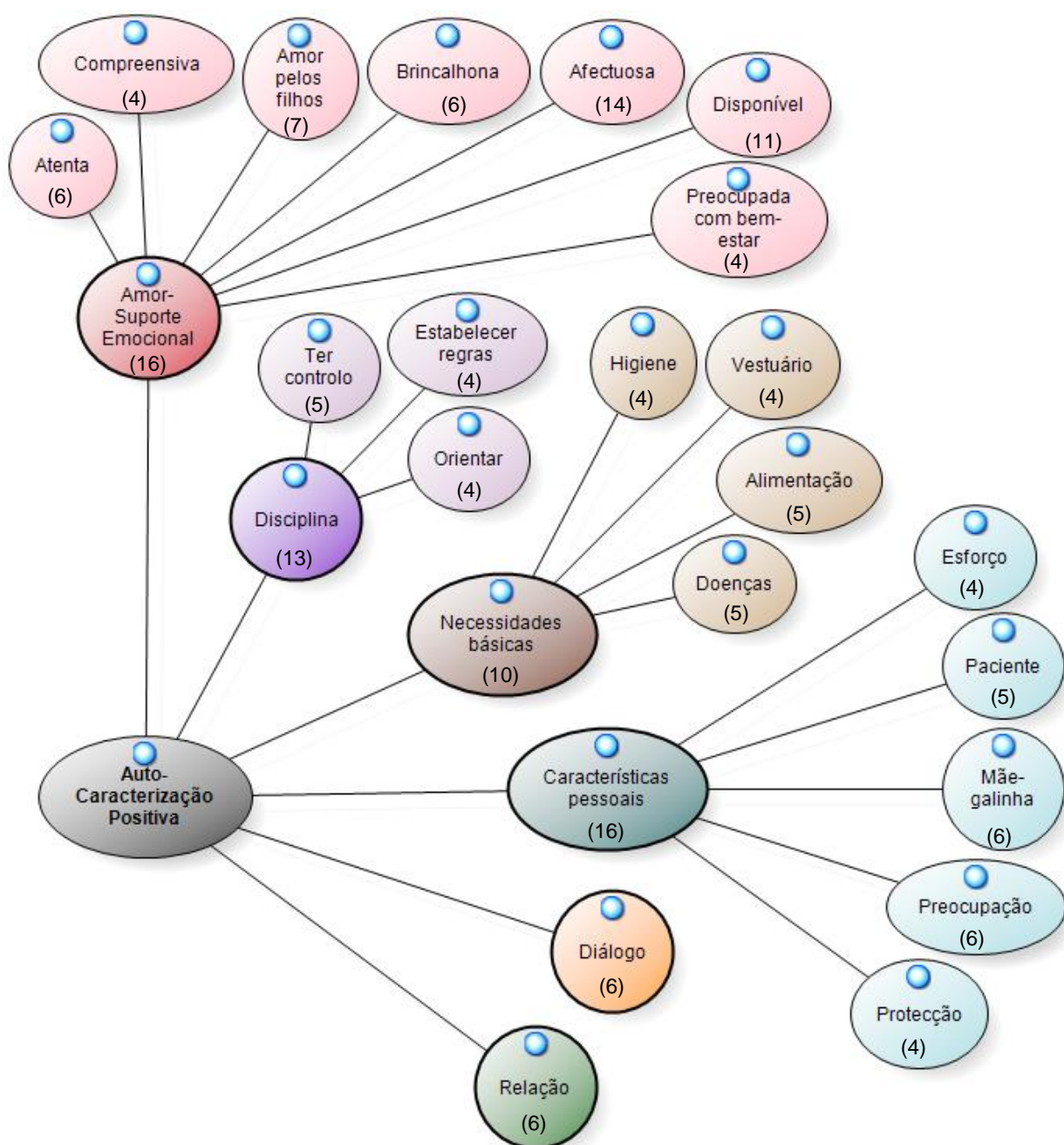


Figura 3. Sub-categorias da auto-caracterização positiva.

Caracterização da Coparentalidade

Entre as 14 participantes que se encontram casadas ou em união de facto, 10 mostram ter uma imagem positiva do desempenho do parceiro enquanto pai – *“ele é um excelente pai... é um ótimo amigo dos filhos... ele faz exactamente o mesmo que eu, ele troca a fralda, ele dá banho, ele fala com ele, é amigo dele, ele sai para jogar à bola com o filho se for necessário... tudo, tudo, tudo.”* (A38;S) – e 6 mães, das quais 5 pertencem a famílias com história de sinalização, revelam sentir apoio coparental – *“[E. E se tivesse que dar um prémio à pessoa que mais a ajuda a ser mãe, a quem é que dava o prémio?] Ao meu marido. [E. Ao seu marido e porquê?] Porque ele é um marido muito presente, é amigo dos filhos (...).”* (F43;S). Identificaram sobretudo o apoio do pais-homens na regulação do comportamento dos filhos, enquanto figura de autoridade e detentores de uma postura mais calma. Assim, embora não refiram uma divisão igualitária das tarefas, as participantes identificam uma coparentalidade positiva, na medida em que os seus parceiros estão igualmente presentes na vida dos filhos.

Quando perguntado se os papéis de mãe e pai são distintos, os resultados revelam que 12 participantes consideram existir diferenças de género no desempenho do papel parental, referindo essencialmente que as mães são mais próximas dos filhos comparativamente com os pais-homens (7) – *“Eu acho que uma mãe sempre está mais perto do filho do que um pai, eu acho que a mãe compreende um filho mais do que o pai, eu acho também que a mãe dá mais carinho, mais afecto, a um filho do que um pai, não estou a dizer que o pai não dá mas a mãe está sempre ciente de um filho, mais ao pé de um filho do que o pai.”* (E27;SE). Assim, referem que os papéis de pai e mãe são diferentes mesmo quando ambos estão presentes no quotidiano dos filhos, e mencionam que as mães estabelecem uma relação de maior proximidade com os filhos. Sugerem, ainda, no que respeita à distinção de género no papel parental, que as mães são mais responsáveis por cuidar dos filhos embora os pais-homens também sejam capazes de o fazer, que as mães são mais firmes na imposição de castigos, e que as mães são mais carinhosas. As restantes participantes consideram equivalentes os papéis de pai e mãe (6) – *“[E. Não é diferente ser pai e ser mãe?] Acho que não, pelo menos para mim, não vejo diferenças entre mim e o meu marido.”* (C26;CVE) – das quais, duas pertencem a famílias monoparentais.

Caracterização dos Filhos

Relativamente à questão sobre qual a característica negativa dos filhos que consideravam mais incomodativa, constatou-se que 9 mães não identificam nenhuma característica especialmente incomodativa nos filhos. Das características negativas referidas (e.g. teimosia e imaturidade) nenhuma se destacou, sendo que as **birras** (2) foi a única mencionada por mais do que uma mãe. Quando questionadas sobre a característica positiva preferida nos filhos, destacam **carinhoso** (7) – “*São todos afectuosos uns com os outros. (...) há alturas que eu de repente estou a olhar e vejo está abraçado a outro, por tudo e por nada.*” (L40;CVE) – tanto em relação aos pais, como aos irmãos. Referem também **tudo** (6) – “*Tudo bom não é mas pronto, não sei, gosto de tudo nele.*” (M19;CVE), não elegendo nenhuma característica em particular. Na reflexão sobre o que mudariam nos seus filhos se pudessem mudar alguma coisa, 9 das mães dizem que não modificariam nada – “*porque gosto deles como são (...) porque têm muitas qualidades! Também têm alguns defeitos, o mais velho... Mas eu acho que com os defeitos é que ele vai aprender a formar-se e ser homem... com os defeitos que tem! É a vida, tem de ser assim!*” (A38;S). As mães salientam as características que consideram positivas nos filhos e descrevem-nos, no global, de forma positiva. Quando identificavam alguma característica que mudariam nos seus filhos, tendiam a desvalorizá-la, afirmando serem comportamentos que se alteram naturalmente ao longo do crescimento.

Gratificações da Parentalidade

As alterações associadas à transição para a parentalidade, podem ser um processo gratificante. Neste sentido, face ao momento de transição para a parentalidade, as participantes referem sobretudo o **aumento da responsabilidade** (8) – “*quando tens um filho, tens uma responsabilidade para a vida toda porque uma mãe pensa no filho até mesmo quando o filho já tem 40 anos e o mudar é isso, é tu deixares sonhos por vezes aparte, vontades, porque sabes que não podes porque tens um filho e é nele que tens de pensar.*” (T27;SE) e ter mudado **tudo** (8) – “*quando recebes aquela notícia que estás grávida, já mudou tudo na tua vida, todos os teus sonhos, todas as tuas vontades e só por passar por cima de tudo isso já é muito gratificante.*” (T27;SE). As mães consideram que a responsabilidade acresce após o nascimento do primeiro filho e embora associem a sacrifícios pessoais (e.g. momentos de lazer), referem essa mudança como positiva. Segundo as participantes, a vida transforma-se globalmente aquando a

transição para a parentalidade, explicando que as rotinas ficam condicionadas em função das necessidades do filho mas sentindo como positiva a irreversibilidade da maternidade, ou seja, a capacidade de serem responsáveis por outra pessoa e de estabelecer um vínculo emocional a partir daquele momento.

Relativamente ao que consideram o melhor de ser mãe, o que entendem como mais gratificante na parentalidade, 8 participantes salientam o **afecto**, das quais 6 pertencem a famílias com história de sinalização – *“eu gosto quando eles vêm todos a mim, vêm dar beijinhos e maminhos, gosto quando vêm me pedir para brincar com eles, isso faz-me feliz, faz-me sentir feliz.”* (S21;SE). Destacam o vínculo emocional que se estabelece entre mãe e filho, focando essencialmente a expressão de afecto dos filhos dirigida às mães. Referem também **realização** (5) – *“o eu saber que tenho uma capacidade de amar infinita, de poder dar a outras pessoas, dois seres humanos que são meus não é... só isso então, acho que compensa tudo!”* (A38;S), a realização pessoal através do papel parental, na medida em que sentem capacidade para amar incondicionalmente e suportar todas as exigências inerentes à maternidade. Mencionam **gosto em ser mãe** (4) – *“ser mãe é ser tudo, ser mãe é como tudo de bom, eu gosto de ser mãe.”* (F28;SE), **ser feliz** (4) – *“tudo neles me faz feliz”* (S21;SE), **dar sentido à vida** (4) – *“são a minha razão, o meu esforço de tentar ser uma mãe e uma melhor pessoa também e tentar também que eles sejam os dois cidadãos válidos.”* (C39;S), **o melhor da vida** (4) – *“acho que é a melhor coisa que a gente tem na vida é os nossos filhos.”* (F43;S). Ser mãe, na narrativa das participantes, revela-se como gratificante na medida em que vem atribuir um novo significado à vida destas mulheres, assim como um papel prazeroso e promove a sua felicidade. Neste sentido, as referências das participantes face ao que consideram gratificante na parentalidade são essencialmente auto-centradas, numa óptica de que o melhor de ser mãe passa pelo que os filhos vêm acrescentar às suas vidas e das emoções positivas que estes despertam em si mesmas. No entanto, também identificaram como gratificante no desempenho do papel parental o bem-estar dos filhos de acordo com um desenvolvimento saudável e a capacidade de orientar o crescimento dos mesmos para futuros adultos responsáveis e independentes.

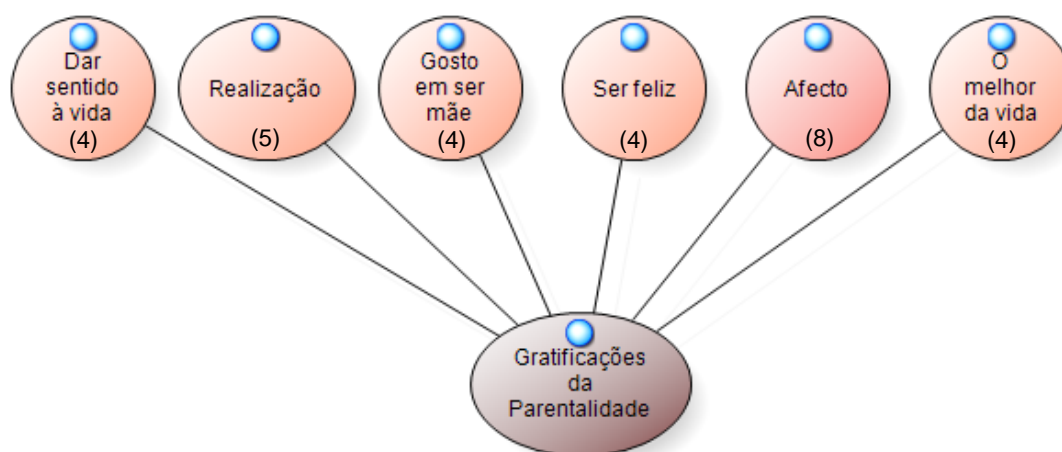


Figura 4. Sub-categorias das gratificações da parentalidade.

Percepção de Eficácia

Neste estudo, 17 mães consideram-se eficazes no desempenho das suas funções parentais – “*acho que cumpro bem o meu papel de educar o meu filho para a sociedade, porque educamos os filhos não para nós mas sim para a sociedade que infelizmente nem sempre é justa mas acho que estou a fazer como deve ser.*” (T27;SE). No entanto, cinco participantes, das quais quatro de famílias com história de sinalização, também identificam momentos de ineficácia parental – “[E. E como é que ele reage quando ralha com eles?] Das duas uma, ou começa a chorar, pronto ele agora usa muito o choro, ou então não liga nenhuma e faz trejeitos como se fosse uma grande seca eu estar ali a falar com ele e nem olha para mim.” (C39;S). As mães avaliaram-se como eficazes no desempenho do papel parental, mesmo apesar de momentos em que se sentiam ineficazes, o que indicia uma percepção global positiva da sua eficácia. Tal eficácia foi sobretudo associada: ao facto de conhecerem bem os seus filhos, as suas características, permitindo-lhes identificar os sinais de fragilidade e prestar auxílio; aos momentos de sucesso dos filhos (e.g. resultados escolares); ao desempenho do papel parental da melhor forma que sabem; à capacidade de transmitirem e explicarem aos filhos como devem comportar-se e estes apreenderem; ao facto do seu desempenho parental ser mais positivo face às suas expectativas pré-natais.

Auto-avaliação das Expectativas

Através da aplicação do *Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais*, avaliou-se o confronto com a realidade face às expectativas que tinham em três aspectos: desempenho do papel parental, relação com o(s) filho(s) e o comportamento

do(s) filho(s). No que respeita ao desempenho do papel parental e à relação com os filhos, verifica-se que 16 das mães se situam nos níveis 4 (“melhor do que esperava”) e 5 (“muito melhor do que esperava”)⁹; e face ao comportamento dos filhos, 14 das mães situam-se nos níveis 4 (“melhor do que esperava”) e 5 (“muito melhor do que esperava”).

Nível de Satisfação Parental

Através da aplicação do *Questionário de Satisfação e Expectativas Parentais*, avaliou-se a satisfação face às expectativas que tinham em três aspectos: desempenho do papel parental, relação com o(s) filho(s) e o comportamento do(s) filho(s). Verificou-se que 17 das mães se situam nos níveis 4 (“satisfeita”) e 5 (“muito satisfeita”) em todos os âmbitos, ou seja, praticamente todas as participantes apresentam níveis elevados de satisfação parental.

⁹ Por vezes as respostas das mães revelavam alguma hesitação, situando-se entre os dois níveis.

IV. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados é aqui apresentada de acordo com dois níveis de análise: primeiramente a análise da descrição, em que as oito categorias (expostas no capítulo anterior) são organizadas em três categorias temáticas; concluindo com a análise articulada, que procura uma reflexão integrada e holística entre as três categorias temáticas.

Análise da Descrição

Tal como referidas no capítulo anterior, identificaram-se oito categorias: significações de “boa mãe”; auto-caracterização parental, caracterização da coparentalidade; caracterização dos filhos; gratificações da parentalidade; percepção de eficácia; auto-avaliação de expectativas e nível de satisfação parental. Através destas categorias, de acordo com os objectivos deste estudo, foi possível estruturar três categorias temáticas: significações de “parentalidade adequada”; vivência da parentalidade; e percepção avaliativa da parentalidade.

A categoria relativa às significações de “parentalidade adequada” baseou-se nas significações atribuídas pelas participantes a “boa mãe”. A vivência da parentalidade foi organizada com base na auto-caracterização parental, na caracterização da coparentalidade, dos filhos e nas gratificações da parentalidade. Enquanto a percepção avaliativa da parentalidade, foi composta de acordo com a percepção de eficácia, a auto-avaliação de expectativas e o nível de satisfação parental. Estas categorias temáticas, descritas de seguida, permitiram compreender de que forma é vivenciada e percebida a parentalidade pelas mães participantes.

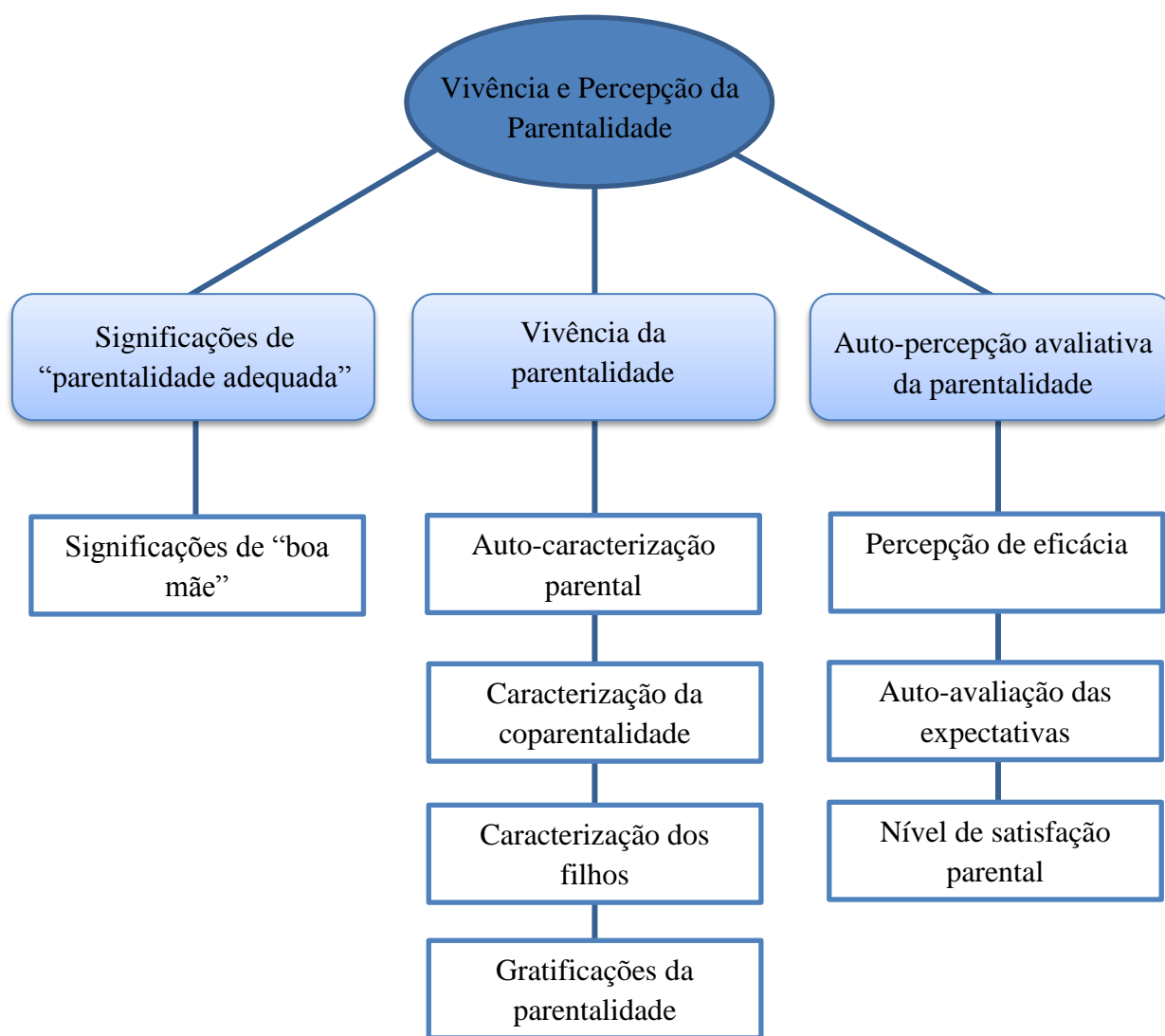


Figura 5. Mapa conceitual das categorias principais e categorias temáticas.

Significações de “Parentalidade Adequada”

Neste estudo, pretendeu-se compreender o que é a “parentalidade adequada” na perspectiva de mães em situação de vulnerabilidade económica. De acordo com as significações atribuídas a “boa mãe” – amar/dar afecto, disponibilidade, cuidar, educar, disciplinar e estar atenta –, é possível estabelecer relação com as funções parentais, nutriente e educativa, referidas por Barudy (2009). Os resultados deste estudo sugerem que as mães se revelaram conscientes de que as funções parentais estão para além da capacidade de procriar, e que uma parentalidade adequada implica um vínculo emocional, cuidados e educar de forma a promover a autonomia e a vivência em comunidade, dados que vão ao encontro de Barudy (2009). De acordo com Linares (2010), a parentalidade está deteriorada nas famílias multiprobleáticas quando as

funções nutritiva e educativa estão debilitadas, o que parece não se verificar nas famílias das participantes face às significações de “parentalidade adequada” referidas.

No entanto, não se encontra nenhuma referência à função socializadora proposta por Barudy (2009), podendo sugerir ausência de reflexividade no que respeita à influência parental no desenvolvimento do auto-conceito e identidade da criança. O facto de as participantes não terem identificado referências explícitas ou implícitas a função socializadora, que pertence às tarefas básicas da parentalidade (Barudy, 2009), poderá significar que não reconheçam a existência deste processo de desenvolvimento individual ou que não o sintam ser da sua competência. Linares (2010) também não refere a função socializadora, enquanto factor determinante de uma parentalidade deteriorada, o que sugere uma dificuldade acrescida em observar dados relativos a esta dimensão.

Vivência da Parentalidade

Neste estudo foi possível observar uma auto-caracterização positiva e uma caracterização positiva dos filhos, o que de acordo com Cruz (2005) deverá influenciar positivamente o desempenho do papel parental. A parentalidade é uma tarefa complexa e, por isso, o desempenho do papel parental depende das características de cada pessoa e também da criança, bem como do contexto em que se inserem (Cruz, 2005). As características dos pais e dos filhos são factores de análise da parentalidade, na medida em que podem influenciar o comportamento parental (Belsky, 1984; Cruz, 2005). No que respeita à caracterização da coparentalidade, esta foi igualmente positiva, segundo Pleck e Pleck (1997; cit. por Fox, Bruce & Combs-Orme, 2000), é considerado bom pai aquele que partilha o papel de cuidador, protector e prestador de cuidados com a mãe, sendo essa a experiência relatada pelas participantes.

Relativamente às gratificações da parentalidade, os resultados demonstram que ser mãe ocupa um papel de destaque na vida das participantes ao qual atribuem uma conotação positiva. Referiram que a condição de irreversibilidade vem atribuir um novo significado às suas vidas, sendo que as suas vidas se alteram a partir do momento em que são mães pela primeira vez, expondo uma narrativa positiva da maternidade. As participantes consideraram que ser mãe as transformou, e transformou as suas vidas, para melhor. A relação que estabelecem com os seus filhos, o significado que os filhos atribuem à sua vida, assim como a realização pessoal promovida pelo papel parental, foram os factores referidos pelas mães como gratificantes na parentalidade. Apesar de

identificarem algumas alterações da transição para a parentalidade como negativas, nomeadamente no que respeita às rotinas e aos momentos de lazer, consideram essa transição como positiva. Tratando-se de mães de famílias em contexto de vulnerabilidade económica, essa limitação financeira poderia apresentar-se como uma condicionante à vivência da parentalidade, o que parece não se verificar uma vez que as participantes identificam como positiva a sua caracterização, a dos filhos e da coparentalidade, e referem diferentes gratificações do papel parental.

Auto-percepção Avaliativa da Parentalidade

As participantes revelaram sentir-se eficazes no desempenho do seu papel parental, o que se relaciona com o sentimento de competência e de auto-confiança, podendo, assim, promover a funcionalidade familiar (Coleman & Karraker, 1997). No que respeita à auto-avaliação das expectativas face à realidade, as participantes encontram-se nos níveis mais elevados, tal como se verifica no estudo de Lawrence et al. (2007), em que homens e mulheres revelaram uma percepção mais positiva da transição para a parentalidade, após o nascimento do bebé, em relação às suas expectativas pré-natais. Neste sentido, a percepção de eficácia e a auto-avaliação positiva das expectativas aparentam ser influentes nos níveis elevados de satisfação parental que as mães revelaram (Coleman & Karraker, 1997). Os resultados parecem indicar que tal ocorre não só relativamente às expectativas parentais face ao seu desempenho, mas também às expectativas relativas ao comportamento dos filhos (Cruz, 2005) e à relação que com eles desenvolvem (Kobarg, Sachetti & Vieiras, 2006). Os resultados permitem, ainda, sugerir que a satisfação parental é influenciada pelas características dos filhos, como refere Belsky (1984) no seu modelo; pelo suporte emocional e instrumental do parceiro (Belsky, 1984), assim como pelo entendimento de uma coparentalidade positiva (Caldera & Lindsey, 2006). A percepção de eficácia das participantes parece ser influenciada pela auto-avaliação positiva do confronto com a realidade face às expectativas pré-natais, e pela satisfação relativa ao seu desempenho, ao comportamento dos filhos, e à relação com os mesmos – assim como os elevados níveis de satisfação parental, referidos pelas mães, sugerem uma associação ao sentimento de eficácia.

A avaliação das mães relativamente à sua experiência da parentalidade, de acordo com a auto-percepção, é positiva. Atendendo às especificidades da população, concretamente famílias com história de sinalização, estes resultados sugerem que a

sinalização dos menores não influencia a percepção que as mães têm do seu desempenho e assim, mantenham uma avaliação positiva da sua experiência da parentalidade. Ainda de acordo com a especificidade da amostra, atendendo ao facto de serem famílias em contexto de vulnerabilidade económica, os resultados parecem indicar que essa condição não influencia a percepção avaliativa da parentalidade das participantes – uma vez que as dificuldades financeiras podem constituir-se um obstáculo ao desempenho do papel parental e a avaliação que fazem é positiva.

Análise articulada

As participantes revelaram uma vivência positiva da parentalidade, que se traduziu na sua auto-caracterização positiva relativa ao desempenho do papel parental, consideraram-se boas mães; na caracterização positiva dos filhos; na perspectiva positiva da coparentalidade, em que ambos os progenitores participam activamente no quotidiano dos filhos (excepto em famílias monoparentais); e nas gratificações da parentalidade, identificaram o papel parental como uma mais-valia nas suas vidas. As participantes demonstraram uma auto-percepção positiva do seu desempenho do papel parental, relatando sentirem-se eficazes no mesmo, colocaram-se em elevados níveis de satisfação parental e consideraram que as suas expectativas pré-natais foram superadas. Assim, a experiência da parentalidade foi compreendida como positiva e gratificante, tal como a percepção da parentalidade foi avaliada de forma positiva. Atendendo à especificidade da amostra, a vulnerabilidade económica e a história de sinalização, enquanto potenciais factores de risco, não se revelaram como uma influência negativa na forma como a parentalidade é vivenciada e percebida pelas mães participantes.

De acordo com os resultados deste estudo, a vivência da parentalidade e a auto-percepção avaliativa da parentalidade, parecem influenciar-se numa relação de circularidade e retroalimentação – uma vivência positiva será um factor de influência na auto-percepção e consequentemente, na avaliação; da mesma forma que uma auto-percepção positiva, se reflectirá na vivência da parentalidade. Esta relação de circularidade aparenta ser influenciada pelas significações de “parentalidade adequada”, na medida em que a vivência da parentalidade e a auto-percepção avaliativa da mesma, são processos idiossincráticos de acordo com o que cada pessoa considera adequado. Assim, também as significações de “parentalidade adequada” parecem ser influenciadas pela vivência da parentalidade e pela forma como esta é percebida. Desta reflexão, que procurou integrar as três categorias temáticas, emergiram duas hipóteses:

1. A vivência da parentalidade constitui indicadores de percepção da parentalidade, que reforçam a vivência da parentalidade, existindo uma relação de circularidade e retroalimentação;
2. As significações de “parentalidade adequada” influenciam o ciclo vivência da parentalidade/percepção da parentalidade que, por sua vez, reforça as significações.

As hipóteses apresentadas, com base nos resultados obtidos neste estudo, pretendem compreender como a parentalidade é vivida e percebida. Através do discurso das participantes procurou-se estruturar a vivência da parentalidade, a auto-percepção avaliativa, as significações de “parentalidade adequada” e, essencialmente, de que forma todos estes factores se conciliam e influenciam. Os resultados sugerem que, as significações sobre “parentalidade adequada” orientam o desempenho das mães, que procuram vivenciar a parentalidade de forma coerente com as suas significações. A sua percepção avaliativa da parentalidade é igualmente guiada pelas significações de “parentalidade adequada”. Tal como a auto-percepção pode influenciar a vivência da parentalidade, na medida em que uma auto-percepção positiva do papel parental pode funcionar como factor potenciador do seu desempenho, também a forma como a parentalidade é vivenciada aparenta ser influenciada pela auto-percepção avaliativa, ou seja, a vivência da parentalidade referida como positiva aponta para uma auto-percepção positiva do desempenho. De acordo com os níveis elevados de satisfação parental demonstrados, as mães referiram como positiva a sua vivência e percepção da parentalidade – quando satisfeitas com a forma como experienciam o seu desempenho parental, a auto-percepção avaliativa indicará essa mesma satisfação.

A forma como são vividos e representados os papéis familiares, depende de cada elemento, isto é, do significado atribuído, correspondendo à sua percepção individual (Oliveira e Costa, 2005). Nesse sentido, a forma como a parentalidade é vivenciada e percebida vai ao encontro das significações das mães acerca do papel parental. Os resultados do estudo indicam que o sentimento de eficácia aumenta a confiança nas capacidades individuais e assim, afecta o modo como a pessoa se envolve e desempenha as tarefas parentais (Cruz, 2005), que se reflecte na satisfação parental.

Este estudo não revelou diferenças de relevo entre os três grupos (famílias com vulnerabilidade económica sem história de sinalização, famílias com vulnerabilidade económica com menores sinalizados e famílias com vulnerabilidade económica com processos de sinalização encerrados), possivelmente devido à amostra reduzida. Assim,

as hipóteses expostas procuram um caminho, de acordo com as narrativas de mães em contextos de vulnerabilidade económica, para uma melhor compreensão da forma como é vivenciada e percebida a parentalidade, através da interacção de diferentes factores.

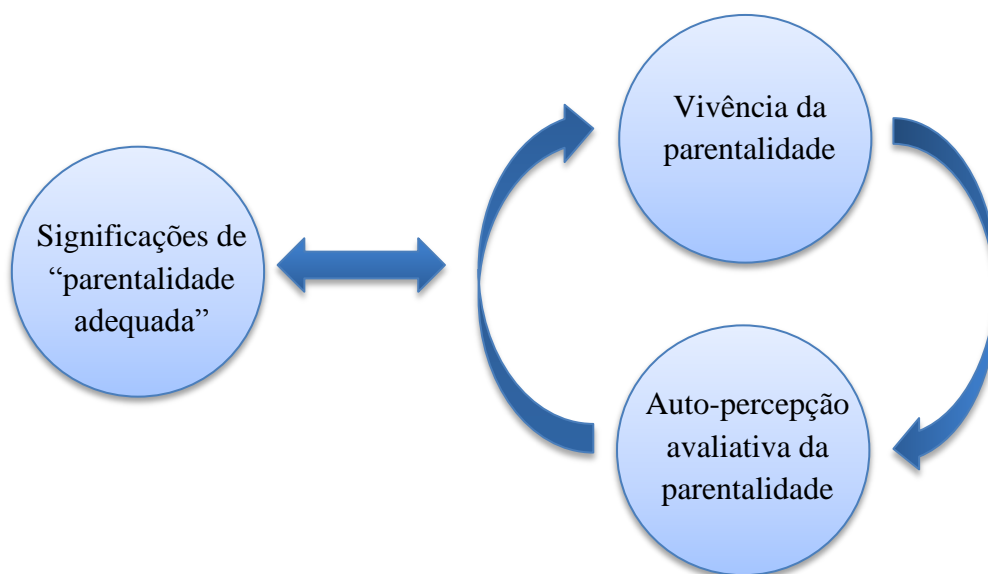


Figura 6. Esquema representativo das hipóteses propostas.

V. REFLEXÕES FINAIS

O presente estudo teve como objectivos principais, explorar as significações de parentalidade adequada, e compreender e analisar a vivência da parentalidade e a auto-percepção avaliativa do desempenho do papel de mãe em contextos de vulnerabilidade económica. Os resultados deste estudo demonstraram que, as mães em contextos de vulnerabilidade económica apresentam significações de “parentalidade adequada”, de acordo com as funções nutritiva e educativa propostas por Barudy (2009), assim como demonstram uma vivência positiva da parentalidade, e revelam uma avaliação positiva da sua parentalidade. Com base nestes resultados, foi possível sugerir a existência de uma relação de circularidade entre a vivência da parentalidade e auto-percepção avaliativa da mesma, e a influência das significações de “parentalidade adequada” neste ciclo.

Limitações do Estudo

As limitações deste estudo são essencialmente relativas à dimensão da amostra, que, por ser reduzida, impossibilitou uma comparação entre os diferentes grupos de famílias em contextos de vulnerabilidade económica (sem história de sinalização, com menores sinalizados e famílias com processos de sinalização encerrados). Por outro lado, os objectivos desta investigação implicam a percepção das participantes o que, por sua vez, se torna uma limitação à investigação atendendo à desiderabilidade social.

A baixa escolaridade das participantes também se revelou uma limitação. Relativamente à compreensão das perguntas, foi necessário, por vezes, reformular as questões de forma a simplificá-las. No que respeita aos instrumentos com escala de *Likert*, apesar da utilização da régua com imagens que procurava fazer face a esta eventual limitação, foi necessário oralizar as questões e respostas dos questionários. No que refere às respostas, em perguntas abertas, a baixa escolaridade pode influenciar a dificuldade de elaboração das participantes.

Relativamente às especificidades da população, concretamente nas famílias com história de sinalização, uma limitação pode prender-se com o facto de o entrevistador ser entendido como um avaliador. Ao longo dos processos nas comissões de protecção de crianças e jovens, as famílias ficam expostas a diversos técnicos dos serviços e, nesse sentido, podem procurar corresponder ao que consideram ser adequado para o

entrevistador, com base nas avaliações que lhe foram transmitidas da sua vivência da parentalidade.

Contributos do estudo

O presente estudo pretende contribuir para uma maior compreensão da parentalidade em famílias em contextos de vulnerabilidade económica, através da lente das mães, num olhar a partir da própria família. Pode, assim, ajudar os técnicos dos serviços que intervém com esta população, ao facultar um melhor conhecimento da parentalidade, tal como é vivida e significada por mães em contextos de vulnerabilidade económica, uma vez que o sucesso de uma intervenção também passa por conhecer aqueles com quem e para quem se trabalha.

Embora a literatura destaque os factores de risco nas famílias em contextos de vulnerabilidade económica, também existem evidências das suas competências (Sousa & Ribeiro, 2005; Linares, 2010). Este estudo permitiu identificar as significações de “parentalidade adequada”, a vivência da parentalidade e a auto-percepção da parentalidade, como factores de protecção nas famílias em contexto de vulnerabilidade económica. Os resultados permitem encontrar recursos nestas famílias, e compreender a existência de potencialidades no desempenho do papel parental segundo a percepção das participantes.

De acordo com as abordagens narrativas, a construção de uma narrativa não permite recriar exactamente a experiência, mas sim a atribuição de significado à experiência de cada pessoa. Em contexto clínico, a narrativa pode actuar no sentido de encontrar novas perspectivas e novas significações, de forma a promover a mudança. (Ribeiro, Gonçalves, & Ribeiro, 2009). Assim, este estudo pretende contribuir para compreender a forma como as pessoas constroem a narrativa da sua experiência e lhe atribuem um significado.

Futuras investigações

Com base nos resultados deste estudo, seria relevante analisar as diferenças culturais, uma vez que a parentalidade é entendida de diferentes formas à luz de cada cultura. Neste estudo, devido ao tamanho limitado da amostra torna-se pouco significativa essa distinção, mas em futuras investigações com mais participantes seria enriquecedor.

Numa futura investigação, com uma amostra maior de famílias com história de sinalização, também seria relevante identificar possíveis diferenças na forma como a parentalidade é vivenciada e percebida de acordo com os diferentes motivos de sinalização dos menores (e.g. absentismo escolar e suspeita de violência doméstica).

Este estudo baseou-se apenas nas significações parentais, pelo que seria interessante realizar uma investigação que considerasse também as significações dos filhos sobre o desempenho do papel parental e compreender de que forma se influenciam.

De acordo com as hipóteses propostas neste estudo, seria igualmente útil, numa investigação com uma amostra maior, contrastar famílias em contexto de vulnerabilidade económica com famílias normativas e, assim, permitir uma compreensão mais pormenorizada das especificidades das famílias em contextos de vulnerabilidade económica. Uma investigação com uma amostra maior, permitiria também compreender se existem diferenças de destaque entre famílias com e sem história de sinalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.

Barros, L. (2006). Significações parentais: Desenvolvimento e Intervenção. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 39, 65-90.

Barudy, J. (2009). Familiaridad y competencias: el desafío de ser padres. In Barudy, J. & Dantagnan, M., *Los buenos tratos a la infancia: Parentalidad, apego y resiliencia*, (77-125). Barcelona: Editorial Gedisa.

Belsky, J. (1984) The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.

Belsky, J. (1985). Exploring individual differences in marital change across the transition to parenthood: The role of violated expectations. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 1037–1044.

Bonds, D., Gondoli, D., Sturge-Apple, M., & Salem, L. (2002). Parenting stress as a mediator of the relation between parenting support and optimal parenting. *Parenting, Science and Practice*, 2(4), 409-435.

Boss, P. (2002). *Family Stress Management – a contextual approach*. Londres: Sage.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.

Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts*, (3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.

Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Father's influence on their children's cognitive and emotional development: From Toddlers to Pre-K. *Applied Development Science*, 11(4), 208-213.

Caldera, Y. M., & Lindsey, E. W. (2006). Coparenting, mother–infant interaction, and infant– parent attachment relationships in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 20, 275–283

Calheiros, M. M. (2006). *A construção social do mau trato e negligência: do senso-comum ao conhecimento científico*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, Lda.

Calheiros, M., & Monteiro, M. (2007). Relações familiares e práticas maternas de mau trato e negligência. *Análise Psicológica*, 25(2), 195-210.

Canavarro, C., & Pedrosa, A. (2005). Transição para a parentalidade: Compreensão segundo diferentes perspectivas teóricas. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (225-255). Lisboa: Fim de Século.

Cancrini, L., Gregorio, F., & Nocerino, S. (2010). Las Familias Multiproblemáticas. In M. Coletti & J. L. Linares (Eds.) *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática*, (45-80). Barcelona: Paidós

Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review*, 18, 47-85.

Coutinho, I. C. M., Seabra-Santos, M. J., & Gaspar, M. F. F. (2012). Educação parental com famílias maltratantes: Que potencialidades? *Análise Psicológica*, 30(4), 405-420.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.

Elek, S. M., Hudson, D. B. & Bouffard, C. (2003). Marital and Parenting satisfaction and infant care self-efficacy during the transition to parenthood: the effect of infant sex. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 45-67.

Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.

Fernandes, E., & Maia, A. (2001). Grounded theory. In E. M. Fernandes & I. S. Almeida (Eds.). *Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas*. (49-76). Braga: Centro de estudos em Educação e Psicologia.

Fox, G. L., Bruce, C., & Combs-Orme, T. (2000). Parenting Expectations and Concerns of Fathers and Mothers of Newborn Infants. *Family Relations*, 49(2), 123-131.

Freire, V., Silva, S., Moura, M., Pontes, F., & Araújo, M. (2014). Metas e expectativas parentais em contexto urbano e ribeirinho da amazônia. *Revista Interamericana de Psicología*, 48(1), 53-63

Froiland, J. M., Peterson, A., & Davison, M. L. (2013). The long-term effects of early parent involvement and parent expectation in the USA. *School Psychology International*, 34, 33–50.

Goetting, A. (1986). Parental satisfaction. *Journal of Family Issues*, 7, 83–109.

Gomez, E., Muñoz, M. M., & Haz, A. M. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: Características e Intervención. *Psykhé*, 16(2), 43-54.

Gottfried, A., & Gottfried, A. (2006). A long-term investigation of the role of maternal and dual-earner employment in children's development. The Fullerton longitudinal study. *American Behavioral Scientist*, 49(10), 1310-1327.

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994) Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. London: Sage.

Guidubaldi, J. & Cleminshaw, H. K. (1985). The Development of the Cleminshaw-Guidubaldi Parent Satisfaction Scale. *Journal of Clinical Child Psychology*, 14(4), 293-298.

Hudson, D. B., Elek, S. M. & Fleck, M. O. (2001). First-time mothers' and fathers' transition to parenthood: Infant Care, Self-Efficacy, Parenting Satisfaction, and Infant Sex. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 24, 31-43.

Kalmuss, D., Davidson, A., & Cushman, L. (1992). Parenting Expectations, Experiences, and Adjustment to Parenthood: A Test of the Violated Expectations Framework. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 516-526.

Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R., & Vieira, M. L. (2006). Valores e Crenças Parentais: Reflexões Teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 96-102.

Kurdek, L. (1998). Prospective predictors of parenting satisfaction for fathers and mothers with young children. *Journal of Family Psychology*, 12(1), 56-65.

Lawrence, E., Nylén, K., & Cobb, R. J. (2007). Prenatal Expectations and Marital Satisfaction Over the Transition to Parenthood. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 155-164.

Linares, J. L. (2010). Modelo Sistémico y Familia Multiproblemática. In M. Coletti & J. L. Linares (Eds.) *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática*, (23-43). Barcelona: Paidós

Marini, M. M. (1980). Effects of the Number and Spacing of Children on Marital and Parental Satisfaction. *Demography*, 17(3), 225-242.

Mercer, R. (1986). *First-time motherhood: Experiences from teens to forties*. New York: Springer.

Oliveira, J. & Costa, M. E. (2005). Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas. *Psicologia*, 16(2), 57-74.

Pancer, S. M., Pratt, M., Hunsberger, B., & Gallant, M. (2000). Thinking Ahead: Complexity of Expectations and the Transition to Parenthood. *Journal of Personality*, 68(2), 253-276.

Pasley, K., & Gecas, V. (1984). Stresses and satisfaction of the parental role. *Personnel and Guidance Journal*, 2, 400-404.

Pires, A. (1990). Determinantes do comportamento parental. *Análise Psicológica*, 8(4), 445-452.

Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital da Família – Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, A., Gonçalves, M., & Ribeiro, E. (2009). Processos narrativos de mudança em psicoterapia: Estudo de um caso de sucesso de terapia construtivista. *Psychologica*, 50, 181-203.

Sabatelli, R., & Waldron, R. (1995). Measurement issues in the assessment of the experiences of parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 969-980.

Shelton, N. & Johnson (2006). 'I Think Motherhood for me was a bit Like a Double-Edged Sword': The Narratives of Older Mothers. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 16, 316–330.

Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.

Sousa, L., & Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, 19(1-2), 169-191.

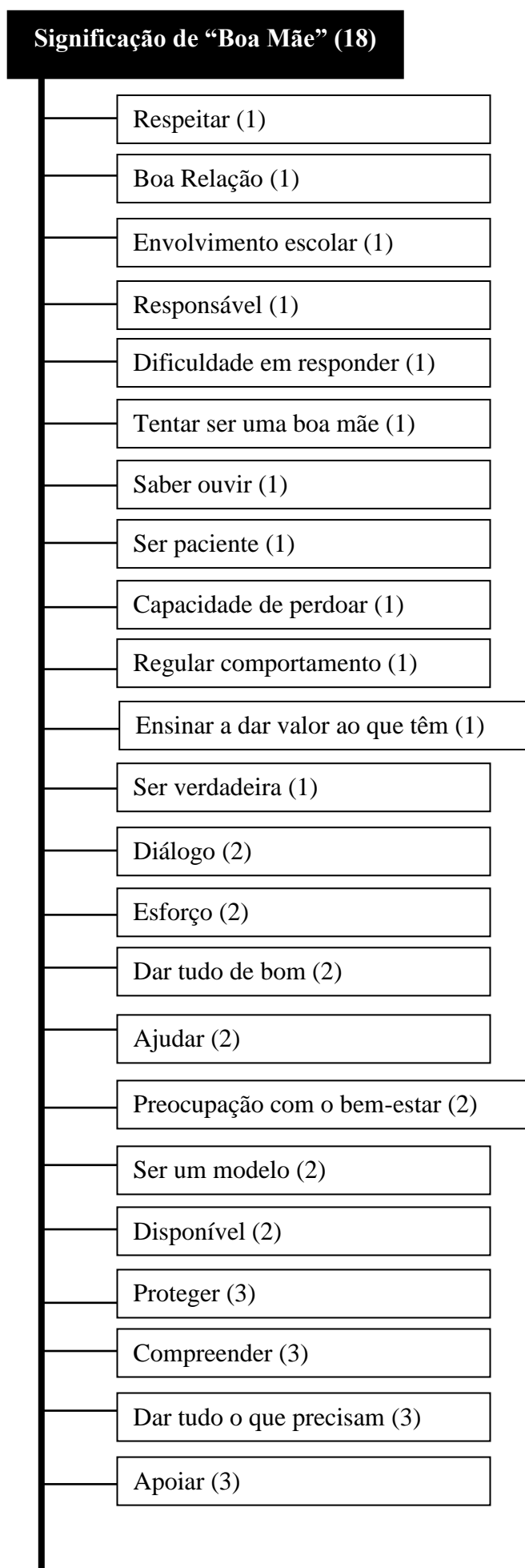
Thompson, S. D & Walker, A. C. (2004). Satisfaction with Parenting: A Comparison Between Adolescent Mothers and Fathers. *Sex Roles*, 50(9-10), 677-687.

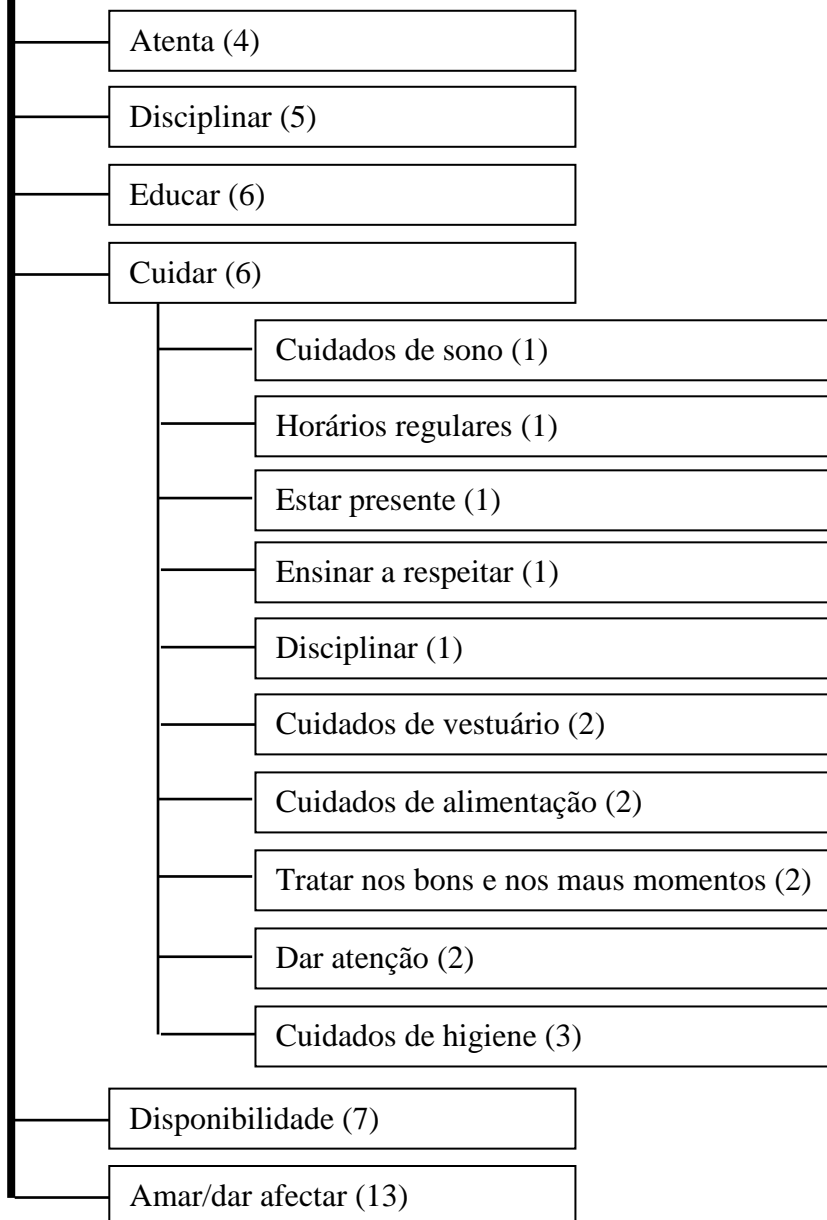
Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process*, 35, 261-281.

White, S. J., & Rogers, L. K. (1998). Satisfaction with parenting: The role of marital happiness, family structure, and parents gender. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 293–308.

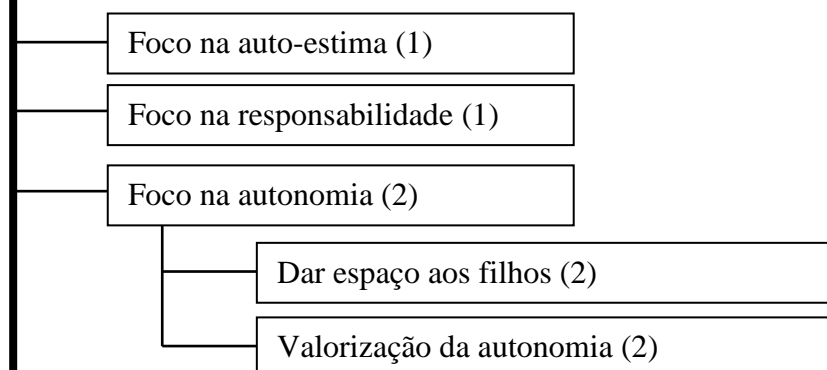
APÊNDICES

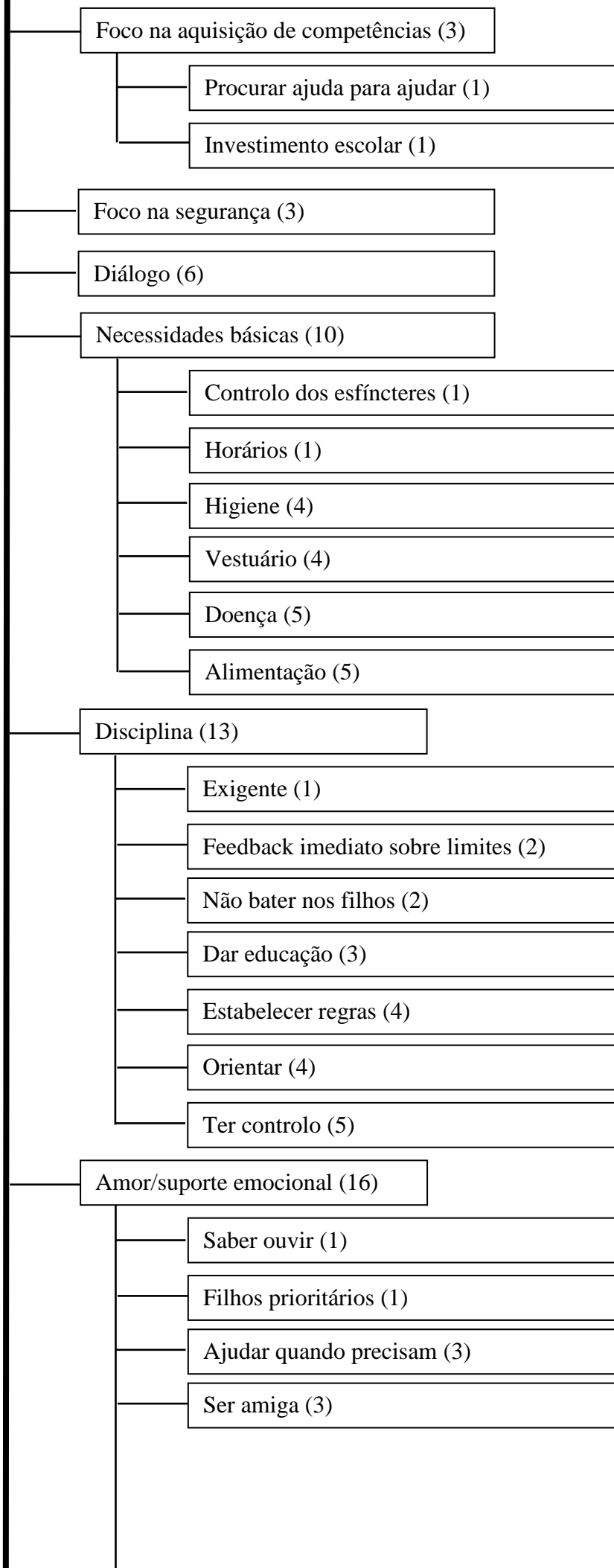
Apêndice I. Esquema representativo da árvore de categorias de análise.

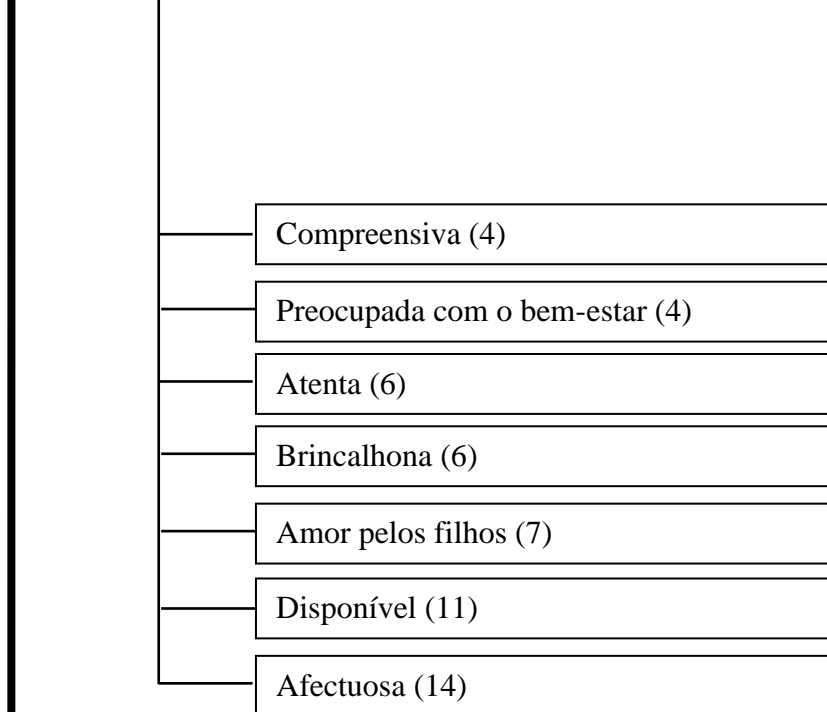




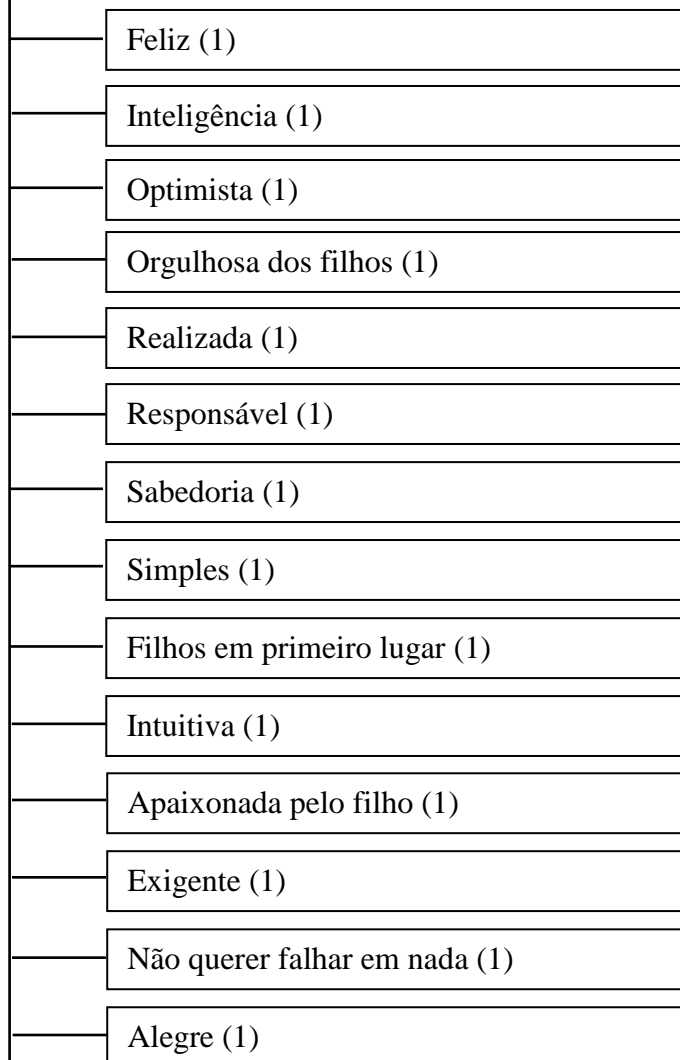
Auto-caracterização positiva (18)

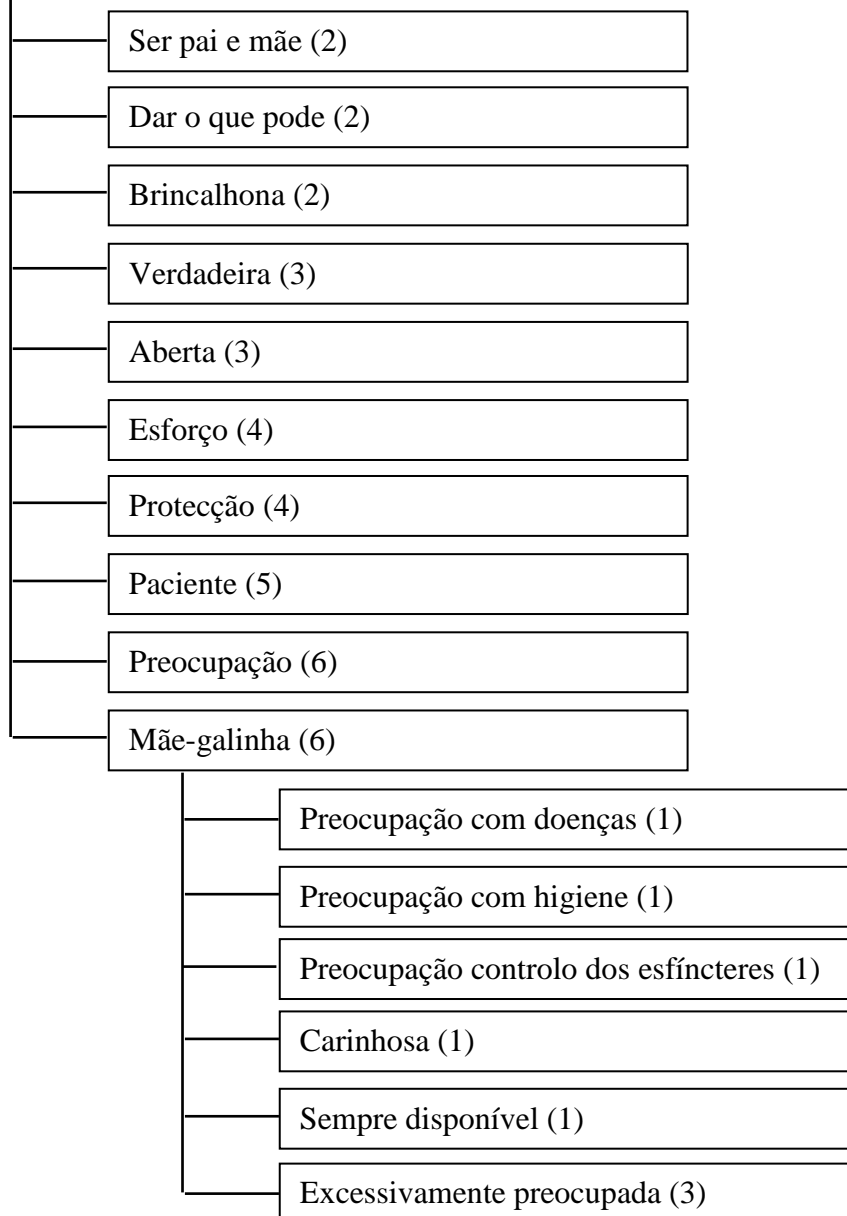




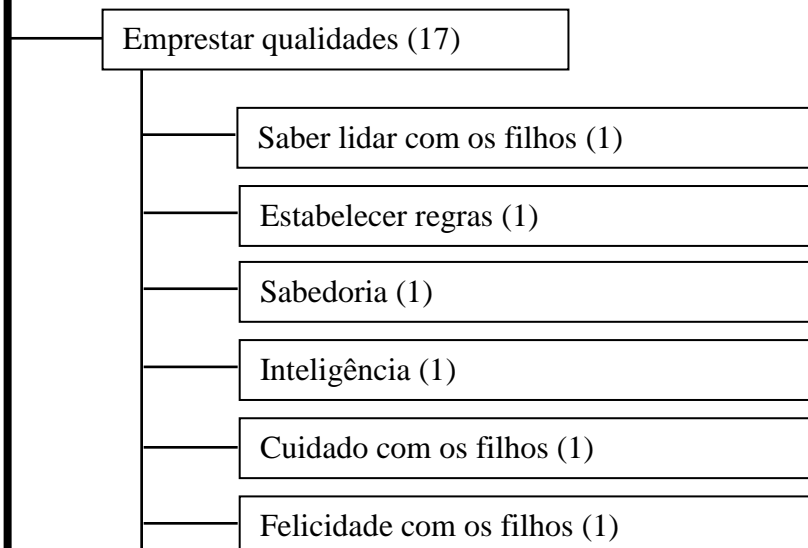


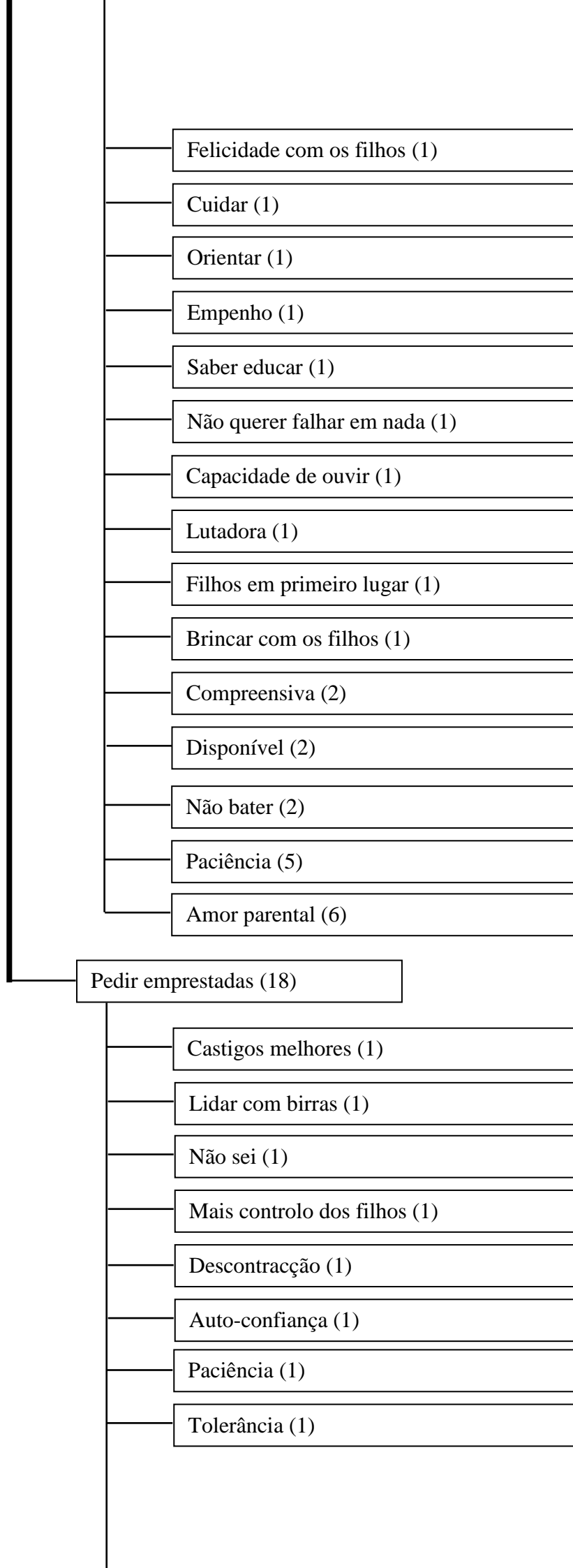
Características pessoais (16)

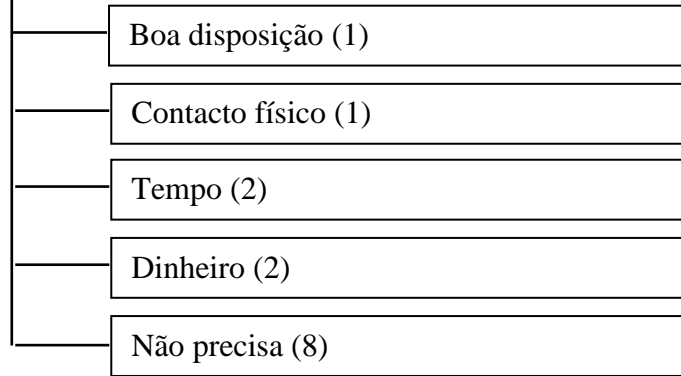




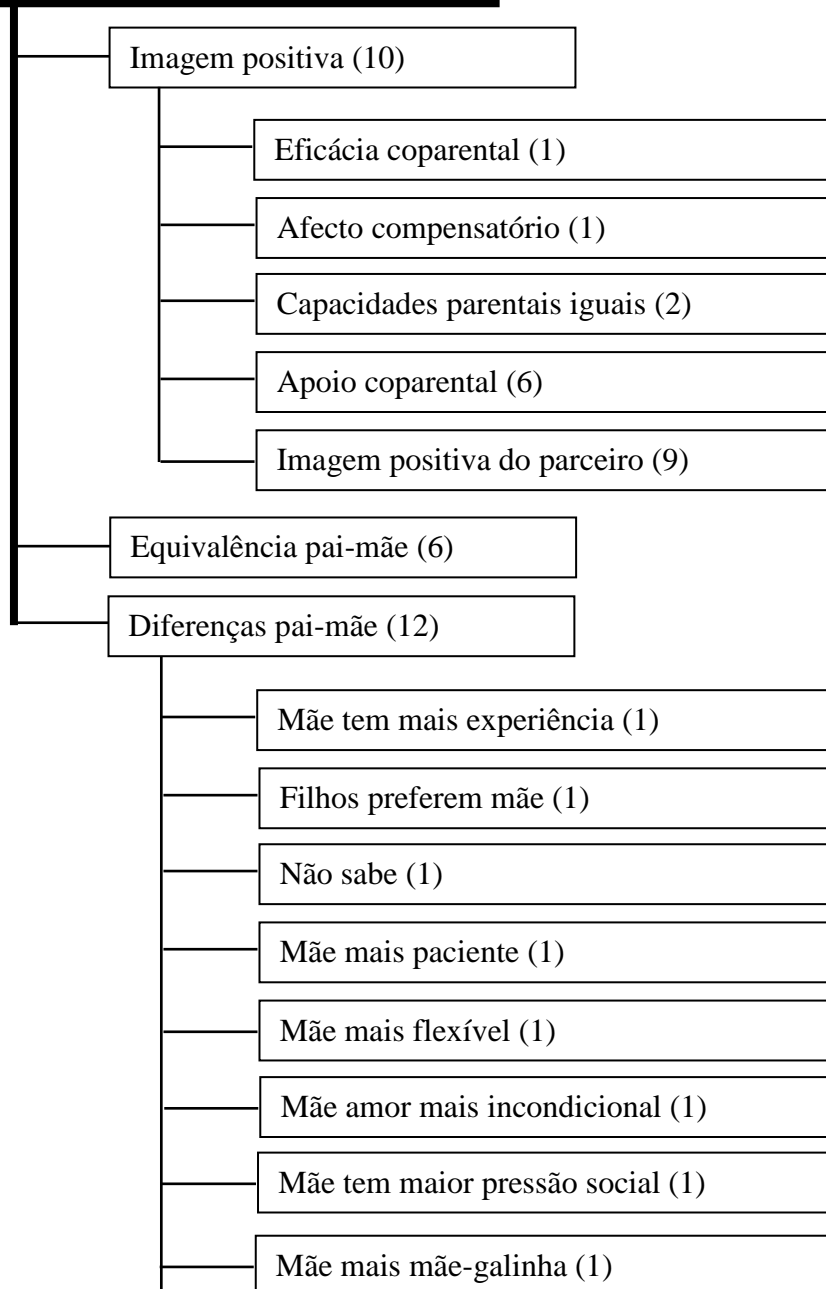
Empréstimos de categorias (18)

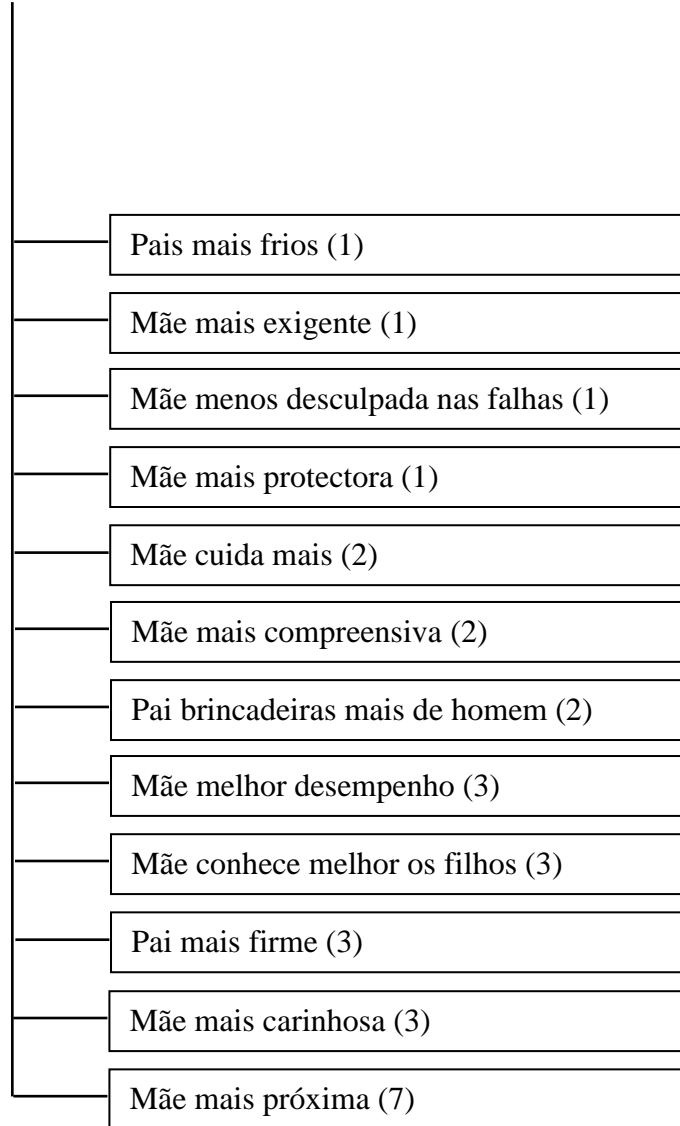




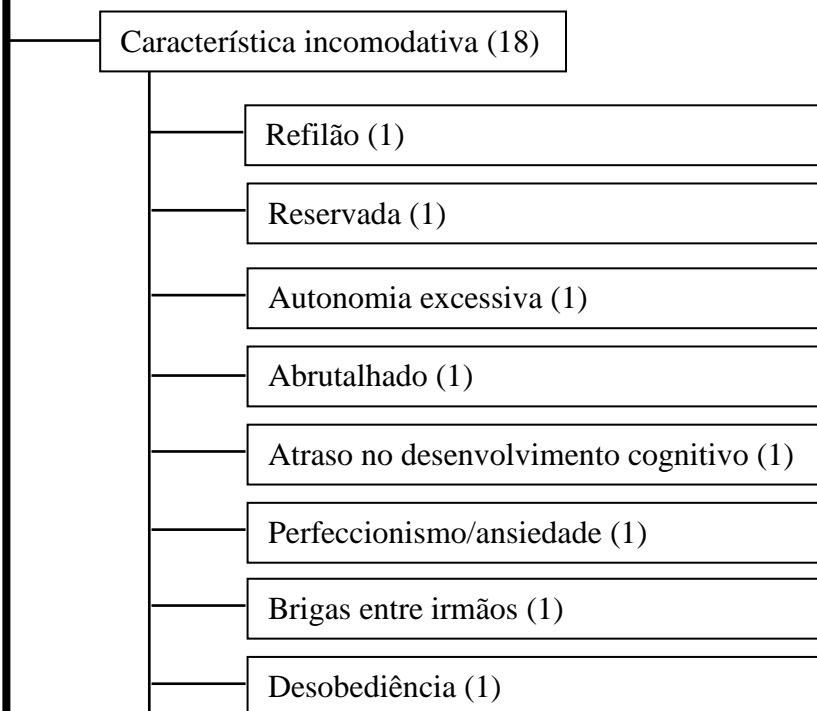


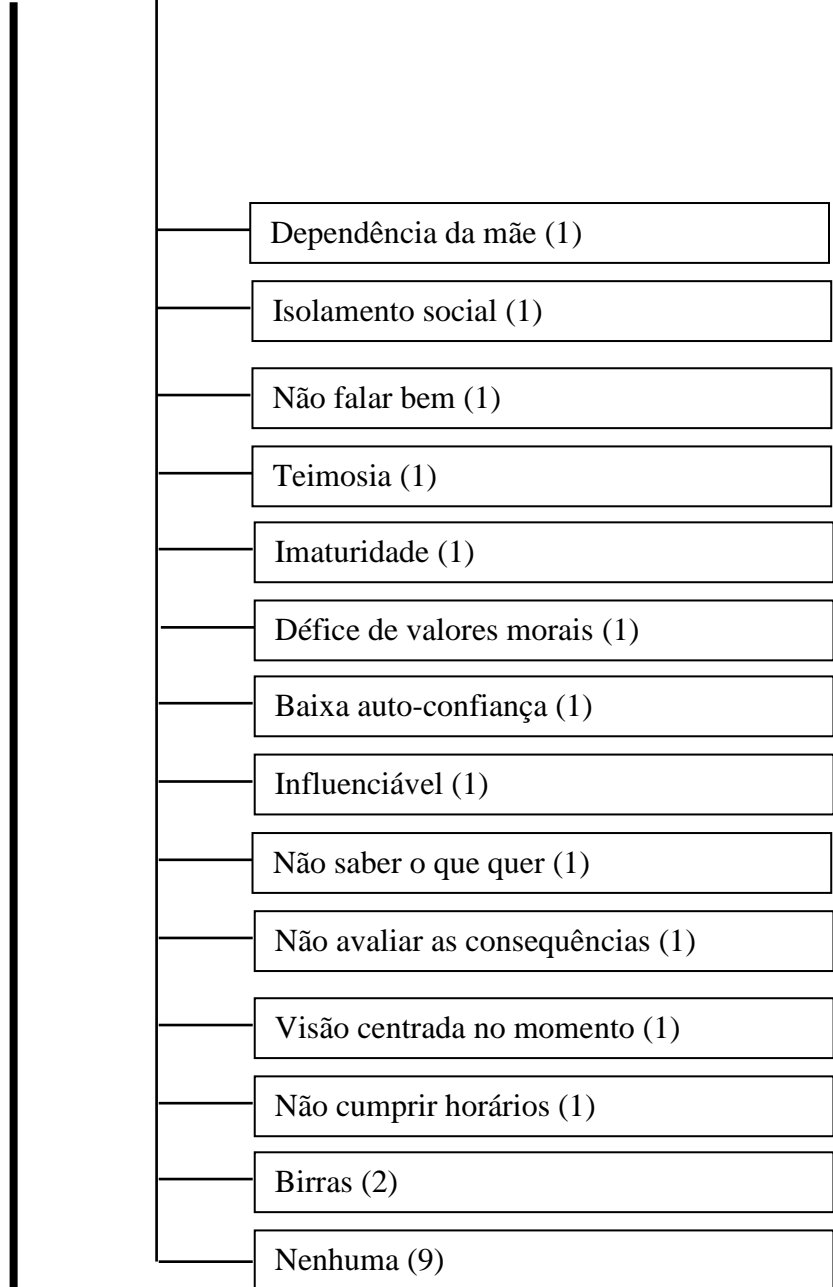
Coparentalidade (17)



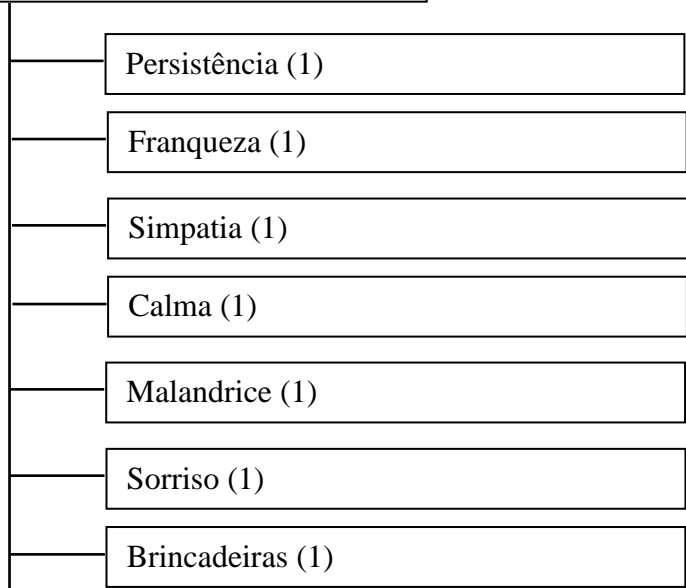


Caracterização dos filhos (18)





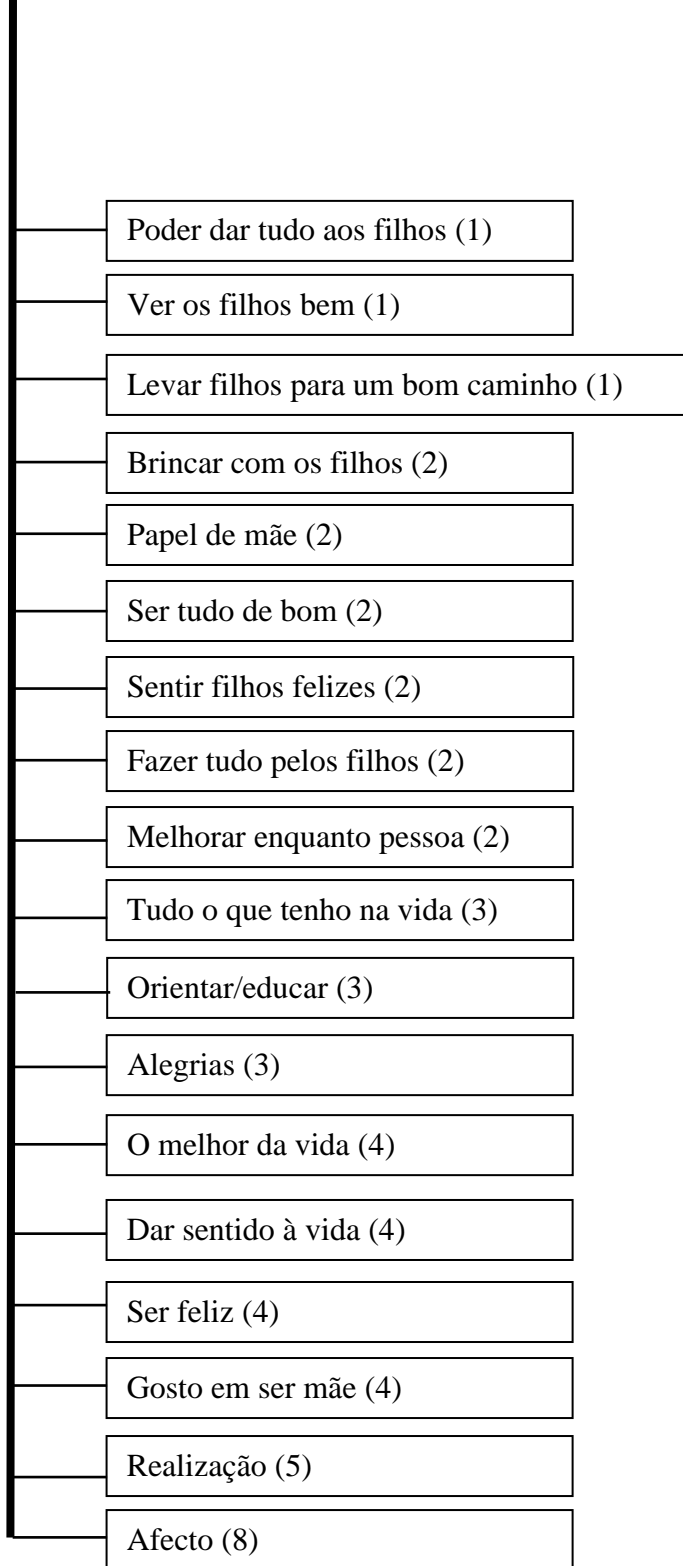
Característica preferida (17)



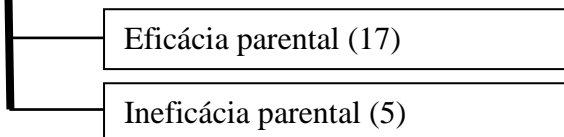
- Dança (1)
- Alegria (1)
- Conversa com a mãe (1)
- Garra (1)
- Nada de específico (1)
- Bonito (1)
- Não mentirem (1)
- Tudo (6)
- Brincadeiras (1)

Gratificações da parentalidade (18)

- Ver os filhos crescer (1)
- Todos os dias é uma aventura (1)
- Estar com os filhos (1)
- Ver filhos alegres (1)
- Dependência mútua (1)
- Apaixonante (1)
- Conseguir desempenhar papel de mãe (1)
- Filhos cuidarem dos pais velhos (1)
- Dificuldade em responder (1)
- Educar para serem cidadãos válidos (1)
- Gravidez (1)
- Riso dos filhos (1)
- Capacidade de amar infinita (1)



Percepção de eficácia (18)



Satisfação parental (18)

Satisfação desempenho parental (18)

Nível 4 com todos os filhos (7)

Nível 5 com filho único (5)

Nível 5 com todos os filhos (3)

Nível 4 com filho mais velho (1)

Nível 5 com filho mais novo (1)

Nível 4 com filho único (1)

Nível 4 com filho mais novo (1)

Nível 2 com filho mais velho (1)

Satisfação relação com o filho (18)

Nível 5 com todos os filhos (7)

Nível 5 com filho único (6)

Nível 5 com filho mais velho (3)

Nível 4 com filho mais novo (3)

Nível 4 com filho mais velho (2)

Nível 5 com filho do meio (2)

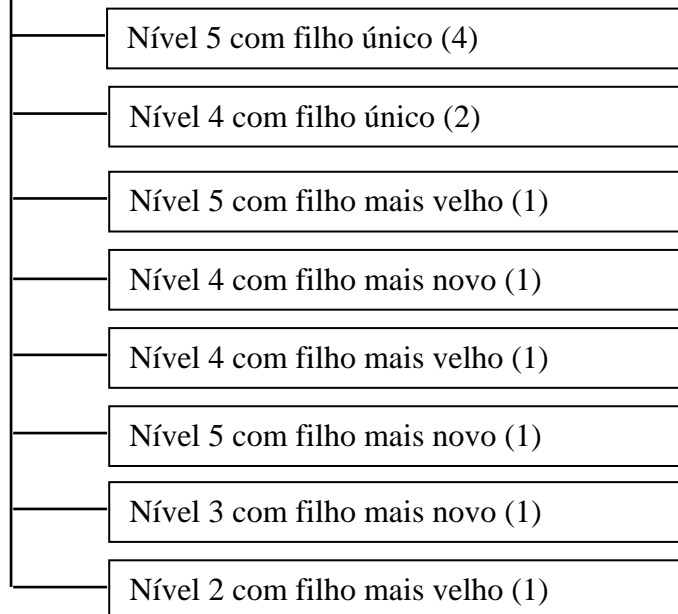
Nível 5 com filho mais novo (2)

Nível 2 com filho mais velho (1)

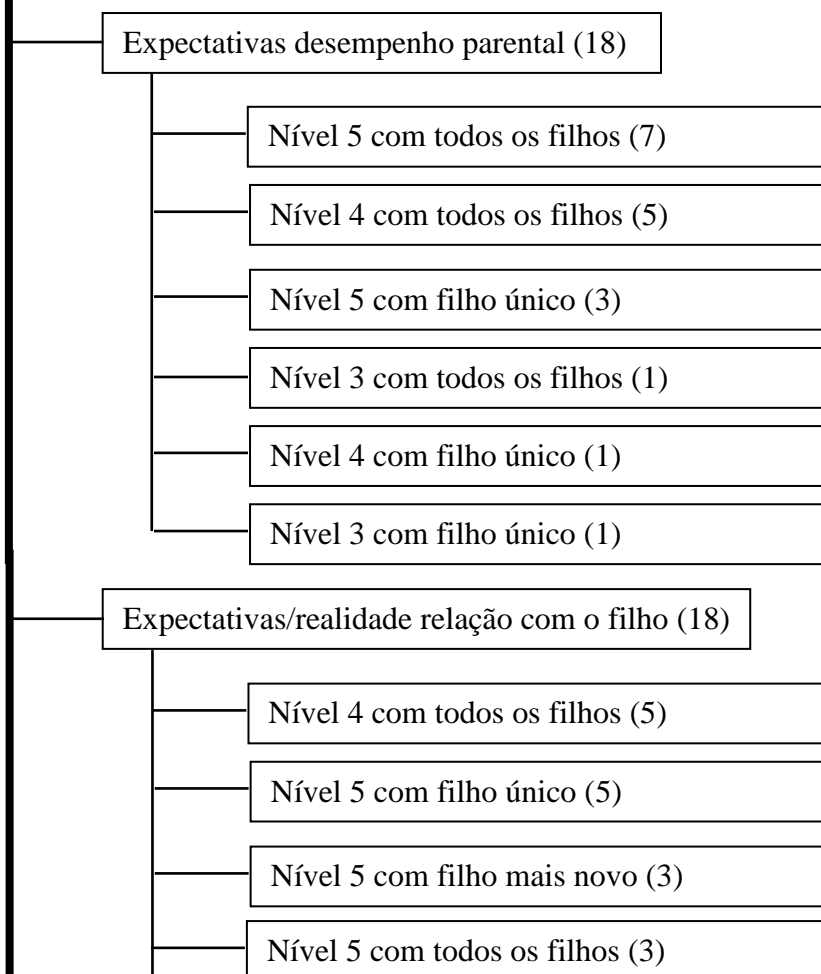
Satisfação comportamento do filho (17)

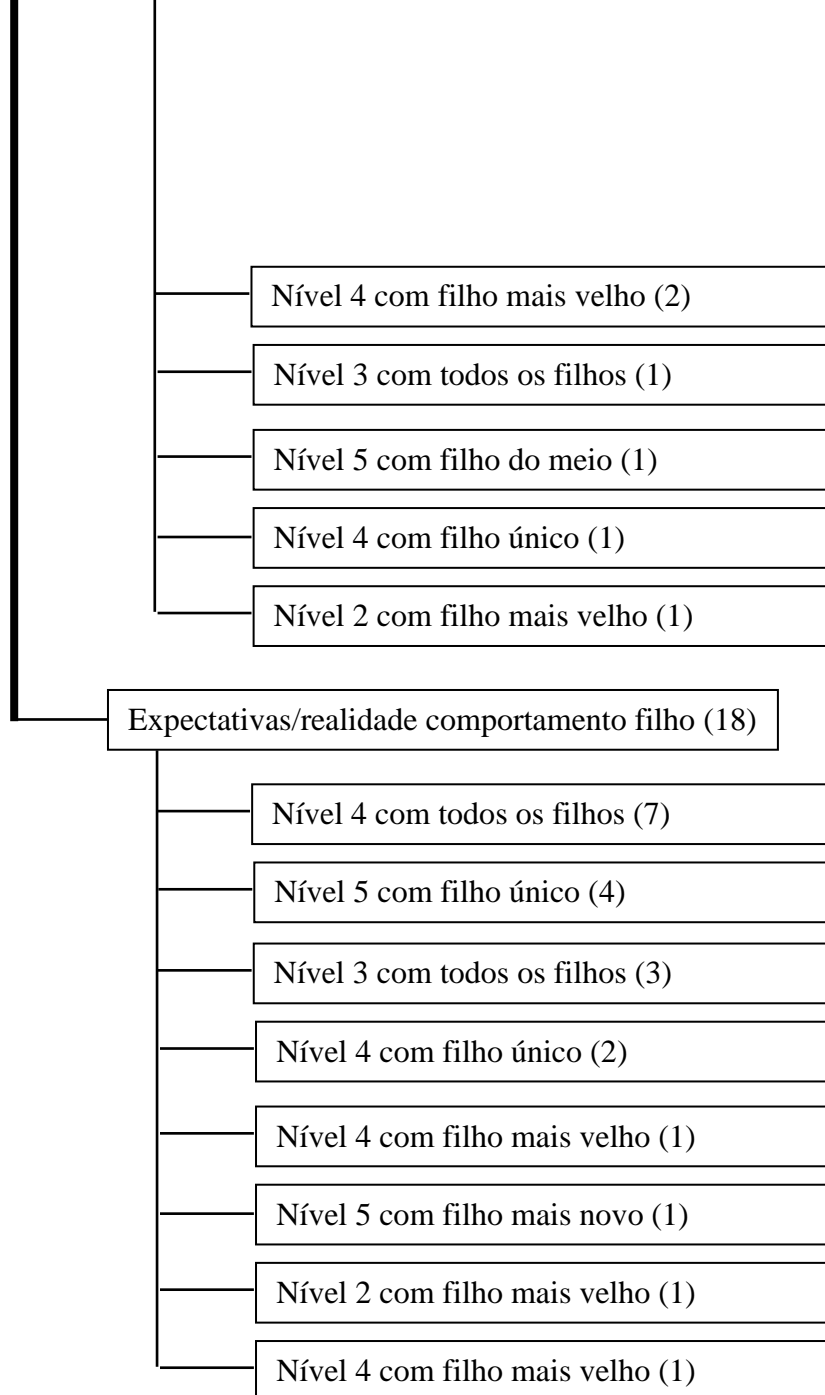
Nível 4 com todos os filhos (5)

Nível 5 com todos os filhos (4)



Confronto expectativas/realidade (18)





ANEXOS

Anexo A. Consentimento informado

Consentimento Informado

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração, está a ser realizada por Isabel Narciso, Professora Associada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Com este estudo, pretende-se compreender o modo como os pais vivenciam a sua relação com os filhos. A sua participação na investigação é de extrema importância, constituindo um contributo fundamental para aprofundar o conhecimento sobre a temática parentalidade.

A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência para si ou para os seus filhos, podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar. Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos, sendo tratados de forma global e não individualizada.

A participação nesta investigação implica a realização de uma entrevista individual e o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de um questionário sobre práticas parentais relativamente a cada um dos filhos.

Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, solicitando informação através do endereço eletrónico: inarciso@psicologia.ulisboa.pt

Ao aceitar realizar a entrevista, declara ter tomado conhecimento dos objectivos do estudo e do que lhe é pedido, participando voluntariamente, e concorda que os dados sejam trabalhados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo, não restringindo o uso dos resultados para os quais o estudo se dirige.

Grata pela sua participação!

Os participantes